



OFICINA DE DOCÊNCIA DE FUTEBOL

Ueberson Ribeiro Almeida
Bruno de Almeida Faria
Vinícius Penha



ne@ad

Universidade Aberta do Brasil
Universidade Federal do Espírito Santo

Educação Física
Licenciatura

O futebol é um elemento da Cultural Corporal de Movimento e um dos mais importantes fenômenos sociais da contemporaneidade. Seu poder estético é capaz de produzir imaginários, interferir na vida cotidiana e na geopolítica das cidades. No Brasil, em especial, a história do futebol se confunde e se mistura à história cultural e política do País. Elemento de programas governamentais de lazer, meio e instrumento de controle das massas pelo regime da Ditadura Militar, potente mobilizador de capital financeiro, objeto da indústria cultural, prática de resistência, conteúdo da Educação Física Escolar. Tratar pedagogicamente o futebol na escola é um grande desafio para todo/a professor/a de Educação Física que almeje analisá-lo de modo específico e amplo, que tenha no exercício da crítica o modo de relação com a aprendizagem de si e dos outros.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
Núcleo de Educação Aberta e a Distância

OFICINA DE DOCÊNCIA DE FUTEBOL

Ueberson Ribeiro Almeida

Bruno de Almeida Faria

Vinícius Penha

Vitória
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Presidente da República

Dilma Rousseff

Ministro da Educação

Aloizio Mercadante

Diretoria de Educação a Distância

DED/CAPES/MEC

João Carlos Teatini de Souza Climaco

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Diretora Geral do Núcleo de Educação

Aberta e a Distância - ne@ad

Maria Aparecida Santos Corrêa Barreto

Coordenadora UAB da UFES

Teresa Cristina Janes Carneiro

Coordenadora Adjunta UAB da UFES

Maria José Campos Rodrigues

Diretora Administrativa do ne@ad

Maria José Campos Rodrigues

Diretor Pedagógico do ne@ad

Júlio Francelino Ferreira Filho

Diretora do Centro de Educação Física e Desportos

Zenólia Christina Campos Figueiredo

Coordenadora do Curso de Graduação

Licenciatura em Educação Física -

EAD/UFES

Fernanda Simone Lopes de Paiva

Revisor de Conteúdo

Luiz Alexandre Oxley da Rocha

Revisor de Linguagem

Alina Bolonella

Design Gráfico

LDI - Laboratório de Design Instrucional

ne@ad

Av. Fernando Ferrari, n. 514 -

CEP 29075-910, Goiabeiras

Vitória - ES

(27) 4009-2208

Laboratório de Design Instrucional

LDI coordenação

Heliana Pacheco

José Otávio Lobo Name

Letícia Pedruzzi Fonseca

Ricardo Esteves

Gerência

Daniel Dutra

Editoração

Lorena Manhães

Capa e Ilustrações

Paulo Caldas

Impressão

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Almeida, Ueberson Ribeiro, 1977-
A447o Oficina de docência de futebol / Ueberson Ribeiro Almeida, Bruno de Almeida Faria, Vinicius Penha. - Vitória : Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e à Distância, 2013.
52 p. : il. ; 28 cm

Inclui bibliografia.

ISBN:

1. Futebol - Estudo e ensino. 2. Professores - Formação. I. Faria, Bruno de Almeida. II. Penha, Vinicius, 1980-. III. Título.

CDU: 796.332

Copyright © 2013. Todos os direitos desta edição estão reservados ao ne@ad. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Coordenação Acadêmica do Curso de Educação Física na modalidade a distância.

A reprodução de imagens de obras em (nesta) obra tem o caráter pedagógico e científico, amparado pelos limites do direito de autor no art. 46 da Lei no. 9610/1998, entre elas as previstas no inciso III (a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra), sendo toda reprodução realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
INTRODUÇÃO	6
1 POR QUE ENSINAR FUTEBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	7
2 O QUE E COMO ENSINAR FUTEBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	19
As dimensões do conteúdo e o trato didático-pedagógico do futebol na escola	20
Ensinando o conteúdo futebol por meio de temas	23
3 EXPERIÊNCIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DOS ALUNOS-PROFESSORES DO PROLICENCIATURA	37
Experiência 1: Plano de intervenção de futebol para a escola <i>Moisés Codeço de Souza e Ueberson Ribeiro Almeida</i>	38
Experiência 2: Plano de intervenção de futebol para o projeto social <i>Gilvane Pilger de Almeida e Ueberson Ribeiro Almeida</i>	42
Experiência 3: A materialização do plano de trabalho/intervenção de futebol no projeto social: um relato de experiência <i>Gilvane Pilger de Almeida e Mauro Sérgio da Silva</i>	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	51

APRESENTAÇÃO

Prezados professores-alunos,

Temos o prazer em compartilhar com vocês o fascículo Oficina de Docência de Futebol.

Este fascículo foi pensado por três amigos (“do peito, irmãos camaradas”) e escrito por seis mãos. Um dos autores é o professor da Oficina de Docência de Futebol, que também já foi tutor presencial e a distância no Polo de São Mateus, o professor Ueberson Ribeiro. Outro autor, provavelmente conhecido de vocês, é o professor Bruno de Almeida Faria, tutor de Seminário de Estudos do Polo de Nova Venécia. O professor Vinícius Penha completa a tríade e participa pela primeira vez do curso.

Ueberson nasceu e cresceu na cidade de Cariacica/ES. Sempre gostou de brincar na rua: bolinhas de gude, pipas, carrinho de rolimã, boca-de-forno, piques, “peladas” com travinha de tijolo etc. Passou todo seu processo de escolarização em instituições públicas de ensino. Nunca foi um exímio jogador de futebol na escola, mas, de modo geral, viveu experiências posi-

tivas com esse desporto na rua e nos times de várzea da comunidade. Concluiu a Licenciatura e o Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo, onde cursa atualmente o Doutorado em Educação. Possui, aproximadamente, dez anos de experiência como professor de Educação Física em escolas públicas municipais, estaduais e também em Projetos Sociais da Grande Vitória/ES. É torcedor do Rio Branco (Capa-Preta de Cariacica) e do Flamengo. Gosta, dentre outras coisas, de encontrar os amigos (na rua, na praia, na várzea) para conversar sobre a vida e jogar futebol.

Bruno nasceu em Cachoeiro de Itapemirim/ES. É flammenguista e estrelense (torcedor do Estrela do Norte Futebol Clube – Cachoeiro de Itapemirim. A torcida mais apaixonada do Estado!). Desde a primeira série do ensino fundamental, participou dos jogos escolares tanto municipais quanto estaduais nas modalidades de futsal e handebol. Além dos jogos escolares, foi atleta de futebol de campo, disputando cinco edições da “Copa A Gazetinha”, uma delas pelo Grêmio Santo Agostinho e as quatro outras pelo Basileia,

ambas equipes de Cachoeiro de Itapemirim. Também participou de uma edição do Campeonato Carioca na categoria Infantil (14-15 anos) pelo Americano Futebol Clube de Campos/RJ. Concluiu a Licenciatura e o Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Vinicius é mais híbrido. Nasceu em Minas Gerais, passou parte da infância em Santa Fé, cidade da Argentina. Volta para o Brasil (Minas Gerais, depois Vitória) aos seis anos de idade, onde vive até os dias atuais com um coração que é portenho-brasileiro (brasileño!). Participou do time de futsal da escola nos Jogos Escolares e do time de campo do bairro, sempre jogou bola na rua, na praia, nas praças. Capoeirista, surfista, flamenguista e torcedor do *Boca Juniors* e do Comercial Futebol Clube, é ligado às práticas das lutas, das danças populares e da cultura jovem. Possui Licenciatura Plena em Educação Física e Mestrado pela Universidade Federal do Espírito Santo. É membro (instrutor de capoeira) do Grupo Beribazu e atua como professor (de Educação Física) efetivo da Prefeitura Municipal de Vitória.

Conversamos e buscamos escrever um fascículo com o cuidado para que não seja entendido como “uma receita” de ensino, mas que possa se constituir como uma referência-dispositivo capaz de fazer disparar o pensamento sobre o futebol. O conteúdo deste texto tomou como base as argumentações presentes nos Planos de Trabalho elaborados pelos alunos-professores das três primeiras Oficinas de Docência de Futebol, bem como as discussões que se desenvolveram sobre o ensino desse conteúdo nos Fóruns da Plataforma virtual.

Este fascículo, a exemplo daquele da disciplina “Metodologia do ensino dos esportes coletivos”, de autoria de González e Bracht (2012), está embasado na tradição do pensamento crítico da Educação Física, expresso por décadas de lutas e pelo compromisso com a escola pública, com o projeto de sociedade democrática e com a formação de cidadãos autores de suas existências.

Desejamos uma boa leitura e ótimas ideias para todos!
Ueberson, Bruno e Vinicius

INTRODUÇÃO

Para elaborar este fascículo, partimos das justificativas apresentadas pelos alunos-professores para afirmar a importância do trato didático-pedagógico do futebol em seus Planos de Trabalho na Oficina de Docência de Futebol (ODF). Essa opção atrela-se ao fato de tais justificativas para o ensino desse esporte fazerem parte não apenas do imaginário dos alunos-professores em formação, mas dos alunos da escola, diretores, pedagogos, pais, dos professores das demais disciplinas, de políticas governamentais de esportes etc. Assim, é necessário refletir e tratar, junto com os alunos-professores, as impressões, os valores e os argumentos que compõem as escolhas do futebol como conteúdo a ser ensinado na disciplina Educação Física (EF).

No Capítulo 1, fizemos o exercício de discutir as sete justificativas mais recorrentes nos Planos de Trabalhos, particularmente, as derivadas das respostas dos alunos-professores à questão “Por que ensinar futebol na disciplina Educação Física?”. Buscamos apontar e discutir tais justificativas à luz do pensamento crítico da EF, portanto apontamos seus limites, bem como a concepção de EF, de sujeito e de trato didático-pedagógico dos esportes nelas presentes.

No Capítulo 2, buscamos sistematizar alguns temas do futebol que consideramos relevantes de serem trata-

dos pelos docentes nas práticas pedagógicas. Fizemos algumas sugestões metodológicas, indicações de materiais didáticos, bem como oferecemos alguns exemplos de atividades que vivenciamos em nossas experiências docentes de ensino do futebol na disciplina EF.

No Capítulo 3, compartilhamos dois Planos de Trabalho elaborados por alunos na ODF. Um dos Planos de Trabalho foi pensado para uma escola pública estadual de ensino fundamental e médio da cidade de Alegre/ES. O outro foi elaborado e desenvolvido em um Projeto Social da cidade de Domingos Martins/ES. Acrescentamos a este último o relato de experiência, fruto da intervenção do aluno-professor Gilvane Pilger de Almeida sob a orientação do tutor de Seminário de Estudos, Mauro Sérgio da Silva.

Ressaltamos que tanto os projetos quanto o relato de experiência apresentados são apenas formas de darmos visibilidade e materialidade às produções da ODF. Não significam, de modo algum, modelos a serem copiados e/ou reproduzidos sem reflexão. Nosso objetivo é que tais experiências estimulem a criação de outras, novas, singulares e inteligentes práticas pedagógicas.



POR QUE ENSINAR FUTEBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Percebemos, ao longo dos últimos três módulos nos quais vimos atuando como professor da Oficina de Docência de Futebol do Curso Pró-Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, acentuada dificuldade dos alunos-professores¹ em elaborar os Planos de Trabalho² que devem orientar suas práticas pedagógicas nos contextos onde atuam.

Notoriamente, a mais aguda dificuldade localiza-se no momento em que os alunos-professores necessitam enfrentar a questão *"Por que ensinar futebol na disciplina EF?"*. Consideramos a reflexão sobre tal indagação como a base teórico-prática para a sistematização de um conteúdo a ser ensinado na escola. Como nos lembram Gonzáles e Bracht (2012, p. 10), "Responder a essa pergunta é fundamental porque é dessa resposta que depende em grande parte, o que e como nós vamos ensinar o esporte nas aulas de Educação Física".

No momento de fazer o exercício de responder à questão supracitada, somos convocados a pensar que os conteúdos ensinados atualmente na escola e, particularmente, nas aulas de EF, nem sempre estiveram lá. No Brasil, a ginástica, por exemplo, foi o conteúdo principal das aulas de EF escolar nas primeiras décadas do século XX, contudo, por meio de conflituosos jogos de forças político-ideológicos e de condições sócio-históricas, o esporte foi ganhando espaço e se tornou o conteúdo hegemônico a

1. Os alunos do Pró-Licenciatura são professores em exercício que não possuem formação acadêmica de nível superior em Educação Física.

2. Planos de Trabalhos que compõem parte da avaliação na Oficina de Docência de Futebol e que são experimentados e desenvolvidos na disciplina Estágio Supervisionado.

ser ensinado nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, sua presença na escola, como conteúdo da EF, não é natural, pelo contrário, o esporte sofreu uma forte resistência daqueles que defendiam os métodos ginásticos (principalmente os Métodos Sueco, Alemão e Francês) como a "boa Educação Física" para a população.

Embora cada disciplina escolar possua seu conjunto de conteúdos prescritos, os quais são compreendidos como fundamentais para a formação dos alunos, como diz Pérez Gómez (1998), de modo geral, será o professor, em maior ou menor grau, aquele que decidirá acerca dos conteúdos de ensino em uma classe, bem como sobre sua periodização, profundidade e trato didático pedagógico. Assim como o maestro, o docente é aquele que dará o "tom" do conteúdo na classe.

Mas que ação o professor pratica ao escolher um conteúdo de ensino? Escolhe-se o quê? Sob quais critérios se toma a decisão de realizar tal seleção? O que entra em jogo nessa ação pedagógica?

Escolhemos sempre sob um tabuleiro de valores, e isso quer dizer que não há escolha neutra! Quando escolhemos um conteúdo para ensinar nas aulas de EF, selecionamos elementos da cultura que, no caso da Educação Física, trata-se de elementos da Cultura Corporal de Movimento (jogos, esportes, danças, lutas, ginásticas), os quais compreendemos como imprescindíveis para a formação humana dos alunos. Assim, como nos lembra Forquin (1993), selecionar um conteúdo significa fazer "uma seleção cultural". Daí o fato de termos muitas dificuldades em selecionar um conteúdo que não vivenciamos, que não dominamos corporalmente e/ou que possui valores estranhos aos nossos, que se choquem com nossas crenças religiosas, morais, com a nossa **formação cultural**. Tal formação cultural, no caso do ensino da Educação Física, pode se tornar também uma "camisa de força" dificultadora do trato didático-pedagógico dos conteúdos de modo crítico, o que pode nos levar a reproduzir práticas que aprendemos na rua, nos clubes, via socialização midiática e por outros meios e espaços que possuem intenção pedagógica distinta (por vezes contraditória) da aprendizagem escolar.

Um exemplo dessa trama é o fato de a maioria dos alunos-professores que escolhem a Oficina de Docência de Futebol (ODF) como atividade curricular possuírem experiências como atletas, treinadores, árbitros e/ou sujeitos ligados ao futebol de clubes, equipes escolares, equipes de várzea etc. Assim, tais experiências culturais com o esporte, como constatam os estudos de Figueiredo (2004), Gariglio (2005), Souza Júnior e Darido (2010) e Fenteseifer (2011), tendem a ser reproduzidas pelos

docentes no trabalho pedagógico isentas de reflexões acerca dos pressupostos político-ideológicos que as sustentam.

Geralmente, as primeiras tentativas dos alunos-professores, ao responderem a pergunta *"Por que ensinar o futebol na disciplina Educação Física"*, trazem impressões diversas acerca desse conteúdo de ensino e, por tabela, concepções de Educação Física que circulam nos imaginários sociais³. Optamos por discutir algumas dessas justificativas elaboradas nos Planos de Trabalho por entendermos que elas necessitam ser debatidas na formação de professores. Temos feito esse exercício junto com alunos da ODF a fim de superar "achismos" e identificar as visões de Educação Física, de ensino e de professor embutidas em cada justificativa. O objetivo é elaborar argumentos plausíveis para a seleção do conteúdo futebol que estejam conectados ao papel da Educação Física a serviço da formação humana crítica.

Seguem algumas justificativas⁴ dos alunos para o ensino do futebol na disciplina de Educação Física, elaboradas no momento da construção da primeira versão do Plano de Trabalho na ODF:

- 1 Ensinar o futebol na escola é importante porque ocupa o tempo dos alunos, retirando-os do mundo das drogas.
- 2 Ensinar futebol é importante porque ensina a jogar pelo aprendizado do passe, recepção, cabeceio.
- 3 O futebol desenvolve responsabilidade, cooperação, respeito às diferenças.
- 4 Jogar futebol desenvolve o espírito de equipe, contribui com a diminuição das agressões e violência no interior da escola.
- 5 É paixão nacional. O brasileiro é apaixonado por futebol e a escola tem que valorizar os gostos dos alunos.
- 6 O futebol é uma atividade importante porque promove a saúde dos alunos.
- 7 Ensina o espírito competitivo e, como todos nós enfrentaremos a competição na vida fora da escola, o futebol é uma boa lição para formar vencedores.

3. Para Castoriadis (1982), o imaginário social consiste na composição e combinação de símbolos e significados formando uma rede de sentidos que resulta da atividade da razão e da imaginação. É nessa trama que surgem elementos fundamentais para o processo de simbolização dos sentidos: crenças, fantasias, desejos, necessidades, sonhos, interesses, raciocínios e intuições. Tais redes de sentidos predominam sobre diversos aspectos da conduta coletiva, na medida em que valores, normas e interdições, como códigos coletivos, são internalizados/apropriados pelos agentes sociais, visto que tais códigos exprimem necessidades, interesses e expectativas conscientes e inconscientes; expressam desejos e fantasias que conferem ao objeto uma dupla realidade: a real e a imaginária. Como um amálgama, o imaginário social institui, histórica e culturalmente, o conjunto das interpretações, das experiências individuais vividas e construídas coletivamente.

4. Todas as justificativas foram retiradas das primeiras versões dos Planos de Trabalho dos alunos-professores matriculados na ODF. Fizemos apenas correções ortográficas com o objetivo de não prejudicar a estética do texto.

5. Para Chauí (1995), uma sociedade democrática busca dar publicidade aos jogos de forças que produzem desigualdades sociais e injustiças. Além disso, a democracia trabalha as divisões e contradições sociais garantido o espaço público de debate das diferenças internas, criando direitos e expandindo aqueles já existentes. É “[...] a única forma política que considera o conflito legítimo e legal, permitindo que seja trabalhado pela própria sociedade” (*Idem*, p. 431). A cidadania, desse ponto de vista, caracteriza-se como o exercício de criação de espaços de lutas por conquistas de direitos sociais por meio de avaliações éticas, portanto a formação de cidadãos e a instituição de uma sociedade democrática e pluralista exige a educação política da população (BETTI, 1999).

6. Ética como herança da filosofia *nietzcheniana* que, sob esse prisma, trata-se do exercício de avaliar sentimentos, condutas e intenções, articulando-os a modos de existência imanentes que eles supõem e implicam. “A ética leva em consideração os modos de ser das forças vitais que definem o homem por sua potência, pelo que ele pode, pelas intensidades” (MACHADO, 2010, p. 26).

ENSINAR O FUTEBOL NA ESCOLA É IMPORTANTE PORQUE OCUPA O TEMPO DOS ALUNOS, RETIRANDO-OS DO MUNDO DAS DROGAS?

Dentre muitas nuances dos argumentos apresentados nos Planos de Trabalho na ODF, consideremos as sete justificativas apresentadas como analisadores que expressam modos de trato didático-pedagógico do conteúdo futebol, bem como concepções de Educação Física a eles atrelados que dificultam compreender essa disciplina como um componente curricular (SOUZA JÚNIOR, 2004) da escola, aliado à produção de valores necessários à formação de sujeitos críticos e de uma sociedade democrática⁵.

Assumamos as justificativas dos alunos-professores como o ponto de partida para discutir e “torcer” “até a última gota” os sentidos dos argumentos expressos no escopo de produzirmos, juntos, argumentos que se articulem a métodos de ensino do futebol conectados aos códigos da instituição escolar e aos da formação cultural – por meio das práticas corporais – diversificada, ampla e crítica. Para isso é necessário “sair de si”, abrir-se ao diálogo, fazer o exercício de olhar o que nos cerca de outros modos, fazer as verdades naturalizadas sobre o futebol passarem pelo crivo da história e por uma avaliação ética⁶, em favor da vida. Somente conseguimos produzir novos sentidos para aquilo que acreditávamos ser inquestionável quando fazemos o exercício de “sair de si”, pois, como canta Vinícius de Moraes: “*Quem de dentro de si não sai, vai morrer sem amar ninguém*”.

Vamos ao debate das 7 justificativas apresentadas pelos alunos-professores.

Abrimos a conversa sobre a Justificativa 1 “Ensinar o futebol na escola é importante porque ocupa o tempo dos alunos, retirando-os do mundo das drogas”. Esse é um discurso recorrente nos Programas de Governo que se utilizam do esporte como “política para pobres”, ou seja, é necessário ocupar o tempo das crianças, vale dizer, das crianças pobres, consideradas um “risco social”, uma ameaça à segurança nas cidades e que colocam em xeque políticas governamentais excludentes e alheias aos interesses públicos. Quanto à relação dos esportes com o uso de drogas, podemos dizer que o potencial que o esporte possui de “afastar” os jovens do mundo das drogas é o mesmo que possui de inseri-los nesse mundo. Um bom exemplo disso é o filme *Diário de um adolescente*, no qual o ator Leonardo DiCaprio faz o papel de um jovem que passa a consumir heroína para se destacar na equipe de basquete. Outros tantos exemplos de uso de drogas (potencializadoras do rendimento físico e psicológico) feito por atletas explodem cotidianamente na mídia. Jobson (ex-jogador do Botafogo-RJ) foi pego várias vezes no exame *antidoping* por uso de cocaína; Giba (capitão da Seleção Brasileira de Voleibol) foi

pego por uso de maconha; Rebeca Gusmão, da natação, teve suas quatro medalhas suspensas nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro-2007 por uso de testosterona.

Não queremos dizer que o futebol não possa contribuir como elemento atrativo às crianças que necessitam ser inseridas em Projetos Sociais e Programas Especiais de apoio aos jovens e adolescentes. Contudo, a questão necessita ser colocada de outro modo, pois "ocupar o tempo" não justifica o ensino desse conteúdo na disciplina Educação Física, uma vez que qualquer prática corporal, disciplina ou atividade curricular (inclusive a Música, o Teatro, a Culinária, o *Hip-Hop* etc.) podem cumprir muito bem esse papel.

Vamos à justificativa 2: "Ensinar futebol é importante porque ensina a jogar através do aprendizado do passe, recepção, cabeceio". Sim! Não é incorreto fazer essa afirmativa. Contudo, justificar por essa via reduz a aprendizagem do futebol à execução de gestos técnicos. Nesse caso, geralmente os professores ensinam apenas as técnicas e colocam os alunos para jogar. Embora o ensino das técnicas e do jogo sejam elementos fundamentais do conteúdo futebol, ao agirmos assim amputamos o conteúdo das dimensões conceituais e atitudinais. O aluno aprende a "fazer" (dimensão procedimental, aprende o gesto técnico), mas, se perguntarmos por que ele joga futebol, podemos receber como resposta: "Eu jogo pra fazer o gol". Mais uma vez, não é incorreto jogar para fazer o gol, afinal, é um dos objetivos do jogo, mas não o único. A questão é que, quando o ensino tem como foco apenas os gestos técnicos e o desenvolvimento motor, o aluno que passa 12 anos na Educação Básica tendo aulas de EF, provavelmente, estará no mesmo nível de conhecimento sobre o futebol do que um outro que aprendeu a jogar na rua ou na escolinha de futebol do clube e que nunca teve aula dessa disciplina. Não estamos aqui diminuindo o valor do futebol aprendido nas "peladas" da rua, nem nas escolinhas, mas a escola, a rua e a escolinha de esporte possuem códigos sociais diferentes no que diz respeito ao trato com o conhecimento, portanto, espera-se que um aluno que frequente a escola e as aulas de EF se aproprie do conhecimento sobre o futebol de modo singular, ligado ao papel que a escola possui (ou deveria possuir) em relação ao trato com o conhecimento e com a formação humana crítica.

Para ensinar somente "passe, recepção, chute e cabeceio", não seria mais eficiente e econômico para o Governo contratar ex-jogadores e atletas para lecionar o futebol na escola do que investir na formação uni-

**ENSINAR FUTEBOL
É IMPORTANTE
PORQUE ENSINA A
JOGAR ATRAVÉS DO
APRENDIZADO DO
PASSE, RECEPÇÃO,
CABECEIO?**

versitária de professores de EF? Se a resposta é sim, então necessitamos justificar o ensino do futebol na escola de modo que ultrapasse apenas o desenvolvimento de gestos técnicos, caso contrário, a especificidade da EF na escola e o reconhecimento da importância da formação do professor se diluem em práticas nas quais os alunos não conseguem perceber a diferença entre o que aprendem na escola (nas aulas de EF e com o professor) e aquilo que aprendem com a mídia, na rua, na *internet*, com os amigos e em qualquer outro lugar.

O FUTEBOL DESENVOLVE RESPONSABILIDADE, COOPERAÇÃO, RESPEITO ÀS DIFERENÇAS?

A justificativa 3, "O futebol desenvolve responsabilidade, cooperação, respeito às diferenças" é uma das mais recorrentes no imaginário dos alunos-professores. Aqui é necessário pensar que o esporte está sendo colocado como fenômeno "bom por si mesmo" e apenas tratado em sua condição comportamental, atitudinal. Ou seja, pressupõe-se que o futebol em si mesmo é "bom" porque seria natural dessa prática possuir valores positivos à sociedade e um espírito cavalheiresco. Contudo, quando mergulhamos na história do futebol, que é também parte da história do esporte moderno, vemos que tais valores foram discursados para que esse esporte ganhasse legitimidade social e fosse compreendido pela população como elemento educacional. Contudo, não necessitamos fazer grandes esforços para compreendermos que o futebol "por si mesmo" não é bom. Isso significa que "por si mesmo" não é capaz de sensibilizar as pessoas a desejar e agir em prol de uma sociedade justa e democrática. Se tomarmos o futebol de alto rendimento, aquele dos Campeonatos Estaduais, Brasileiro, Copa Libertadores etc., facilmente percebemos que a lógica que vigora é a de mercado, na qual prevalece o individualismo, a produção de heróis midiáticos que devem aquecer a venda de produtos esportivos e os contratos milionários, sem falar no adversário que é concebido como inimigo de guerra.

Na última decisão da Copa do Brasil, em 2012, Coritiba e Palmeiras se enfrentaram em jogos de ida e volta (o primeiro em São Paulo, no Estádio Arena Barueri, e o segundo no Paraná, no Estádio Couto Pereira). Tanto no primeiro jogo quanto no segundo, torcedores fizeram corredores "des-humanos" para atacar o ônibus do time visitante antes da chegada aos estádios. Também soltaram rojões e fogos de artifício próximo ao hotel onde os adversários se encontravam hospedados a fim de impedir-lhes o descanso e o sono. As mídias televisivas e jornalísticas participam desse clima de "guerra" de modo estratégico, acirrando as rivalidades e apenas se colocam contrárias quando tais movimentos produzem a barbárie do

derramamento de sangue e mortes. É isso, torcedores morrem e matam-se uns aos outros nos estádios pelo time do coração, pela "paixão nacional", pelo futebol. Teríamos pelo menos mais alguns milhares de exemplos que indicam que o futebol "por si mesmo" não é bom, portanto, o fato de o esporte ser ensinado na escola não garante que os alunos vão aprender "responsabilidade, cooperação e respeito às diferenças".

Não basta que o esporte, nesse caso o futebol, esteja sendo ensinado na escola para que sua presença seja justificada, pois nenhum conteúdo se justifica por si mesmo. Para que seja educativo, no sentido de levar os alunos à ampliação da experimentação e da compreensão, será necessário tratá-lo pedagogicamente de acordo com os códigos da Educação Física crítica. Em síntese, o futebol não é "bom nem mal por si mesmo", serão os modos como o tratamos e, também, o modo como entendemos o papel da Educação Física no currículo escolar que poderão produzir os sentidos de seu ensino de acordo com a sociedade na qual, nós, os docentes, apostamos e desejamos viver.

Agora temos a justificativa 4, "Jogar futebol desenvolve o espírito de equipe, contribui com a diminuição das agressões e da violência no interior da escola", muito próxima dos argumentos da justificativa 3, a justificativa 4 novamente toma os discursos da instituição esportiva e da mídia para advogar o ensino do futebol na disciplina de Educação Física. Mais uma vez será necessário dizer que o futebol "por si mesmo" não desenvolve "espírito de equipe". No futebol, não há a mesma valorização/reconhecimento para defensores e atacantes, como canta o Grupo de Rock Pop Skank "O meio-campo é o lugar dos craques, Que vão levando o time todo pro ataque, o centroavante o mais importante, que emocionante uma partida de futebol". Valorizam-se muito mais os atacantes e aqueles que fazem os gols, pois estes promovem o espetáculo e oferecem à mídia fragmentos de imagens lucrativos por seu poder estético de se cravar em nossa carne, de construir uma memória emocional/afetiva capaz de interferir na organização do nosso tempo cotidiano e em nossos desejos de consumo. É também comum, ao final de cada jogo, os repórteres se amontoarem para buscar o ídolo, o mito, o herói que se destaca na equipe, aqueles aos quais o "mercado da bola" atribui talentos especiais, poderes mágicos, como "o imperador Adriano", "o fenômeno Ronaldo", "o mago Messi". De modo geral, o futebol de alto rendimento coloca a equipe sempre como coadjuvante de um indivíduo concebido como "grande herói". Nas chamadas televisivas, diz-se: "a Seleção Brasileira de Romário", "a Argentina de Maradona", "o Flamengo de Zico", "o Real Madri de Christiano Ronaldo", "o Santos de Neymar".

JOGAR FUTEBOL
DESENVOLVE O
ESPÍRITO DE
EQUIPE,
CONTRIBUI COM
A DIMINUIÇÃO
DAS AGRESSÕES
E DA VIOLÊNCIA
NO INTERIOR
DA ESCOLA?

O FUTEBOL É PAIXÃO NACIONAL, O BRASILEIRO É APAIXONADO POR FUTEBOL E A ESCOLA TEM QUE VALORIZAR OS GOSTOS DOS ALUNOS?

Já a diminuição da violência no interior da escola pode até ser um dos argumentos de uma justificativa para se ensinar o futebol nas aulas de EF. Mas é preciso compreender que a violência é um problema da escola, genérico, tarefa que cabe a todos os atores e disciplinas escolares cuidar. Assim, embora o ensino do futebol (num determinado sentido) possa contribuir para o desenvolvimento de uma "cultura de paz" na escola, esta não é uma tarefa específica do ensino desse conteúdo e da disciplina Educação Física na escola. Violência no interior da escola se constitui como uma questão de Ética, portanto, um Tema Transversal que deve atravessar o trato didático pedagógico dos conteúdos de todas as disciplinas, bem como deve se constituir como elemento do Projeto Político-Pedagógico da Escola.

Em síntese, socialização (produção de valores), sociabilização (capacidade de conviver em grupo), respeito às diferenças, cooperação, espírito de grupo, diminuição da violência são todos valores que perpassam o ensino dos conteúdos de todas as disciplinas na escola, ao mesmo tempo que não os justificam. E não justificam porque a seleção de um conteúdo para ser ensinado na escola depende de uma especificidade e importância que são compreendidas como saber que somente tal conteúdo pode fornecer aos alunos. O que somente a aprendizagem do Futebol pode oferecer como saber aos alunos? Como o ensino desse conteúdo estabelece relação e problematiza a sociedade na qual os alunos vivem? Que tipos de apropriações desejamos que os alunos elaborem sobre o futebol? Será sempre necessário pensar nisso para não cairmos em argumentos genéricos que acabamos repetindo sem reflexão e que, portanto, não fundamentam a especificidade do conteúdo, logo não justificam seu ensino por meio de uma disciplina curricular como a Educação Física em uma instituição social singular como a escola.

Na justificativa 5, "O futebol é paixão nacional, o brasileiro é apaixonado por futebol e a escola tem que valorizar os gostos dos alunos", podemos identificar dois problemas principais. O primeiro é o entendimento da prática do futebol no Brasil como algo de uma "natureza" do brasileiro, de uma "identidade nacional", quase uma obrigação cívica. Nessa justificativa, o fato de as pessoas gostarem do futebol aparece como genético, traço sanguíneo, característica de uma espécie. Quando pensamos desse modo, esquecemos que o futebol se tornou uma paixão nacional porque interessava e interessa, dentre outras coisas, às condições sócio-históricas e político-culturais nas quais massificar uma prática esportiva significa ter o controle das populações, um distintivo social e ideológico entre

nações, uma mercadoria poderosa e sensibilizadora das nossas emoções, capaz de produzir e naturalizar desejos. Segundo, "valorizar os gostos dos alunos" não significa que o professor necessita ser refém dos seus saberes no sentido de ter que reproduzi-los. É justamente o contrário, valorizar os gostos dos alunos sugere que sejamos sensíveis a tais saberes, a ouvi-los, a identificá-los sempre com intenção de empurrá-los contra o "ralador" da crítica a fim de verificar seus valores e a qualidade de seus princípios éticos e pedagógicos.

A justificativa 6, "O futebol é uma atividade importante porque promove a saúde dos alunos", também muito afirmada pelos alunos-professores do Prolicenciatura. O discurso de que o esporte é promotor da saúde é mais uma estratégia da instituição esportiva para legitimá-lo socialmente como "elixir" da juventude e fórmula mágica contra as doenças, principalmente, aquelas causadas pelo sedentarismo e/ou falta de movimentação corporal. Nesse caso, o futebol é concebido como uma atividade física que toma o treinamento corporal como técnica de produção de saúde biológica e psicológica. Vemos esse discurso desabar pelas próprias contradições do sistema esportivo de alto rendimento, que, por sua vez, possui uma Medicina própria (Medicina Desportiva) para prevenir e recuperar os atletas das lesões e doenças causadas pelo sacrifício ao qual os corpos são submetidos nos treinamentos e jogos. O futebol de alto rendimento em si não produz saúde, pelo contrário, é um sério motor de lesões e de problemas de doença. É cada vez maior o número de jogadores de futebol que sofrem paradas cardíacas durante o jogo, sem falar na lógica capitalística e expropriadora da vida que submete os garotos cada vez mais precocemente às equipes profissionais, não respeitando as fases de preparação, necessárias à inserção do atleta no mundo do trabalho do futebol. E isso não se restringe apenas a esse desporto. O mesmo ocorre com as condições de vida das meninas da Seleção Brasileira de Ginástica, dos judocas, dos nadadores. Em entrevista de anúncio da aposentadoria em 2006, o australiano Ian James Thorpe (Ian Thorpe), na época com 24 anos, e considerado um dos maiores vencedores do nado livre da história das Olimpíadas e dos Mundiais, declara ter passado a maior parte de sua vida olhando para um fundo azul de piscina e que não suportava mais o esporte. Além disso, problemas como bronquite, febre glandular, fratura de mão, dentre outros, constituíam-se como motivo do abandono. Vale ainda destacar o caso da ginasta Jade Barbosa, que foi cortada das Olimpíadas de Londres 2012 por lesão no punho. Os exames revelaram que a idade óssea de seu punho é a de uma pessoa com 50 anos de idade. Jade completou 21 anos em 2012!

O FUTEBOL É UMA ATIVIDADE IMPORTANTE PORQUE PROMOVE A SAÚDE DOS ALUNOS?

ENSINA O ESPÍRITO COMPETITIVO, E COMO TODOS NÓS ENFRENTAREMOS A COMPETIÇÃO NA VIDA FORA DA ESCOLA, O FUTEBOL É UMA BOA LIÇÃO PARA FORMAR VENCEDORES?

7. Foi um filósofo inglês e um dos representantes da corrente positivista. Spencer foi um profundo estudioso da obra de Charles Darwin. É dele a expressão "sobrevivência do mais apto". Em sua obra, procurou aplicar as leis da evolução a todas as esferas da atividade humana. Por isso é considerado o "pai" do Darwinismo social, embora jamais tenha utilizado tal termo. Entre outras, escreveu a obra "A educação intelectual, moral e física" (1863).

Por fim, a justificativa 7, "Ensina o espírito competitivo, e como todos nós enfrentaremos a competição na vida fora da escola, o futebol é uma boa lição para formar vencedores". O fundamento de base desse argumento é a Teoria da Seleção Natural das Espécies, ideia pela qual Charles Darwin afirma ter sido a competição o principal elemento da evolução dos seres vivos na natureza. Será, entretanto, Hebert Spencer⁷ aquele que se apropriará de tal teoria para pensar as relações sociais, os grupos humanos a partir do que ficou conhecido como darwinismo social. Para tal teoria, os seres mais aptos ao meio competem dentro de uma mesma espécie e tendem, naturalmente, a sobreviver. O meio "selecionaria", então, aqueles com maior poder de competição e eliminaria e/ou subjugaria os menos aptos.

Para as relações humanas, tal ideia foi utilizada por estadistas e intelectuais para justificar a divisão de classes e as desigualdades sociais com o argumento da seleção natural. Assim, quando tomamos a competição e a formação de "vencedores" como o foco do ensino do futebol, teremos que eliminar os menos habilidosos, as meninas, os obesos, os alunos com necessidades especiais, entre outros. Outro ponto a ser destacado é o fato de não haver garantia de uma transposição direta das vitórias no esporte para as vitórias em outras dimensões da vida. Por vezes, vemos jogadores de futebol famosos, excelentes competidores, verdadeiros ídolos e vencedores desportivos caindo em total desgraça. O caso recente e famoso é o do goleiro Bruno, do Flamengo, que, após ser tricampeão carioca, campeão da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro, foi preso e aguarda o julgamento por ser acusado de cometer crime bárbaro.

Ressaltamos que não somos contra a competição; ela é elemento importante do jogo e pode ser positivamente formativa, se os alunos forem levados a refletir sobre sua dimensão lúdica e social. Muitos autores que criticaram o darwinismo social mostraram que a solidariedade e a cooperação dentro e fora das espécies possuíram, ao longo da história, a mesma importância da competição no processo de evolução.

Após discutirmos as sete justificativas dadas pelos alunos-professores para o ensino do futebol, gostaríamos de reafirmar a perspectiva de trato didático-pedagógico desse conteúdo conectado à especificidade do papel da escola, da disciplina Educação Física como componente curricular e do professor como o sujeito indispensável na mediação do processo educativo.

No que diz respeito ao papel social da escola, apostamos na sua "condição" de instituição democrática, portanto que não apenas reproduz a cultura da sociedade e suas lógicas, mas que também produz saberes singulares capazes de questionar "verdades" embutidas nas tradições, nas

ciências, nos imaginários sociais, nos ritos, na história. É sob esse exercício de trato com o conhecimento que a escola pode cumprir sua função de contribuir para uma sociedade mais justa, menos desigual, democrática. Educar por meio da escola, então, diferente da igreja, do exército, da família, da rua, da mídia, da *internet*, da instituição esportiva (Federação Internacional de Futebol (FIFA), Confederação Brasileira de Futebol (CBF), etc), significa intervir na formação dos alunos no sentido de "[...] provocar e facilitar a reconstrução dos conhecimentos, das disposições e das pautas de condutas que a criança assimila em sua vida paralela e anterior à escola" (PÉREZ GÓMEZ, 1998, p. 22). Ou seja, é a instituição social responsável por preparar os alunos para pensar de modo crítico e agir democraticamente numa sociedade ainda pouco democrática.

A Educação Física é considerada um **Componente Curricular** da escola na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 93/94, de 1996). Isso significa que essa disciplina, como todas as demais, deve tratar seus conteúdos a partir dos princípios que fundamentam e legitimam o papel da escola: a socialização dos patrimônios de saberes das gerações que se acumularam na história, bem como a reconstrução desses patrimônios por meio do exercício crítico e ético. Como dito, as disciplinas escolares e seus conteúdos expressam uma "seleção cultural" que, por diversas relações de poder, é considerada importante para a formação humana dos alunos e das novas gerações.

Vimos, ao longo deste capítulo, afirmando que a especificidade pedagógica da disciplina Educação Física está ligada ao papel da escola, da Educação crítica e dos conteúdos dos quais trata. Desse modo, entendemos que a tarefa específica dessa disciplina é levar os alunos ao acesso singular de uma parcela da cultura humana (Cultura Corporal de Movimento) que se manifesta nos jogos, esportes, danças, lutas, expressões gímnicas etc., conteúdos sem os quais a formação humana estaria comprometida em sua base, em seus elementos principais (SOARES et al., 1992).

Entretanto, o acesso aos elementos da Cultura Corporal de Movimento nas aulas de Educação Física, pelos alunos, não pode ser "qualquer acesso", mas uma apropriação pedagógica na qual os conteúdos expressem a contribuição que essa disciplina tem a oferecer à formação de cidadãos autônomos, críticos, autores de si mesmos, analistas das relações de poder e jogos "verdades" que constituem as práticas corporais/culturais e a forja dos sujeitos.

Ao compreendermos o papel da Educação Física na escola como a disciplina que tematiza os conteúdos que compõem a Cultura Corporal de Movimento, uma justificativa plausível para o ensino do futebol, exi-

8. O termo indústria cultural (que em alemão significa Kulturindustrie) foi elaborado pelos sociólogos alemães da Escola de Frankfurt: Theodor Adorno e Max Horkheimer, na obra "Dialética do esclarecimento". Resumidamente, tomando a análise da condição da obra de arte na sociedade, os autores tecem críticas importantes acerca da máquina de produção de desejo capitalista na reprodução e distribuição da cultura, apangando, dessa forma, tanto a singularidade da arte erudita quanto da arte popular. Dito de outro modo, a lógica capitalista, por meio de uma indústria cultural, transforma a cultura em mercadoria, massificando-a, produzindo gostos e emoções de acordo com os interesses do consumo e do controle das subjetividades. Seria a indústria cultural a incentivadora de uma visão acrítica diante do mundo ao oferecer à população somente o que esta quer ("acha que deseja por si mesma"), desencorajando, portanto, o exercício pessoal por novas experiências estéticas. Por exemplo, o esporte de alto rendimento, mais particularmente o futebol, é um importante elemento cultural apropriado pela indústria cultural. Isso fica claro na padronização e adequação das suas regras, técnicas e tempo de jogo aos interesses midiáticos e do mercado de consumo.

9. Um ótimo exemplo é a chamada "higienização urbana" que, por meio da força militar, busca retirar os moradores de rua das cidades-sede da Copa do Mundo, bem como destroi comunidades inteiras para erguer estádios e vilas olímpicas. O pano de fundo é o de "limpar" a paisagem da cidade de tudo aquilo que destoa da imagem de ordem, progresso, saúde e limpidez que o Governo utiliza como estratégia para legitimar o gasto de dinheiro público com megaeventos esportivos.

girá dos professores (guardadas as singularidades dos grupos de alunos e do contexto) considerá-lo como importante fenômeno econômico mundial e objeto apropriado pela indústria cultural⁸, com uma história que se confunde/mistura com a dos jogos populares e das estratégias políticas de Estados. É uma das principais práticas de lazer da população brasileira e dos escolares. Além disso, o futebol ocupa parte significativa da programação diária da TV aberta/gratuita e é a principal prática esportiva pela qual se veiculam imagens e discursos nos canais de TV paga, portanto, poderoso artefato estético atuante na produção de desejos, gostos, emoções e imaginários sociais. Compreende, ainda, um megaevento (Copa do Mundo de Futebol) capaz de alterar os ritmos, o consumo e a geopolítica⁹ das cidades. Atrai-se ao futebol vários discursos: o da saúde, da educação, da paz, da violência, dos gêneros sexuais, do uso de drogas, dentre muitos outros.

Como podemos ver, a lista é bastante grande e não é possível esgotá-la, o importante é sabermos que o futebol é um elemento cultural importante na sociedade brasileira e mundial, portanto merece ser estudado de modo específico e amplo pelos professores e alunos na disciplina Educação Física. Para tal, será necessário superar o ensino do futebol pautado apenas em técnicas e no desenvolvimento de habilidades motoras. Tratá-lo de modo específico e amplo nos solicitará ensinar a jogá-lo (procedimentos), levando os alunos a experimentar, de modo problematizado, seus procedimentos técnicos, táticos, regras etc. Também será necessário articular conceitos que permitam sistematizações e análises capazes de indagá-lo como elemento cultural e, com efeito, a produção de novos problemas e a reconstrução das experiências. Quais valores, atitudes e conceitos o professor espera que o aluno aprenda nas aulas de Educação Física, por meio da aprendizagem do futebol?



O QUE E COMO ENSINAR O FUTEBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

O futebol, por si só, é um conteúdo legítimo a ser ensinado na escola? Muitos dirão que o fato de o futebol constituir um elemento de "identidade nacional", dentre outros argumentos, justifica o seu trato pedagógico nas aulas de Educação Física. Como vimos, há necessidade de construir os porquês, ou seja, os argumentos que legitimem o ensino do futebol na escola. No entanto, além dessas formas de justificação, também precisamos selecionar o "quê" e "como vamos ensinar" determinado conteúdo.

Tais questionamentos sobre o "quê" e "como vamos ensinar" nos remete à necessidade de sistematização, seleção e organização do conteúdo. Bracht (1999) destaca que a Educação Física apresenta, em sua prática pedagógica, um saber de dupla ordem, ou seja, um "saber fazer" e um "saber sobre esse fazer". Esse argumento já nos permite construir possibilidades de sistematização dos conteúdos. No caso do futebol, poderíamos começar a nos questionar o que os alunos deveriam aprender a "fazer", bem como o que deveriam aprender "sobre esse fazer".

O futebol é um fenômeno que apresenta inúmeros aspectos possíveis de serem tratados pedagogicamente. Para isso, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), bem como no fascículo da disciplina de Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos (2012)¹⁰, podemos visualizar que

10. Fascículo elaborado por Gonzáles e Bracht (2012), o qual consideramos uma referência importante para aqueles que pretendem ensinar esportes coletivos, como o futebol, na escola.

os conteúdos são organizados a partir de três dimensões: procedimental, conceitual e atitudinal. Ao analisar, de maneira geral, as práticas pedagógicas da Educação Física na escola, sem muitas dificuldades, percebemos que a *dimensão procedimental* do ensino dos conteúdos é privilegiada em detrimento das dimensões *Atitudinal e Conceitual*. A Educação Física, ao longo de sua constituição como disciplina escolar, consolidou o trato pedagógico predominantemente na dimensão do procedimento, o "saber fazer", minimizando, assim, a produção e veiculação de conhecimentos "sobre" a cultura corporal de movimento e, também, sobre o "como agir", no plano atitudinal. Não queremos aqui transformar a Educação Física escolar num discurso sobre a Cultural Corporal de Movimento, mas sim que as discussões, análises conceituais e estudos de temas relacionados com as facetas do patrimônio das práticas corporais estejam presentes nas práticas pedagógicas e dialoguem com o aprendizado das técnicas (procedimentos). A seguir, poderemos visualizar, com mais clareza, como as dimensões do conteúdo (procedimentais, atitudinais e conceituais) podem atravessar o trato didático-pedagógico e materializar-se em **temas de ensino**.

AS DIMENSÕES DO CONTEÚDO E O TRATO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO FUTEBOL NA ESCOLA

A abordagem do conteúdo em três dimensões (procedimental, conceitual e atitudinal), como demonstramos, é uma estratégia didática de organização e seleção dos saberes a serem apropriados e produzidos pelos alunos. Entretanto, há de se destacar que, em inúmeros casos, torna-se impertinente desenvolver uma aula que trate somente de uma dessas dimensões, pois, nas situações de ensino, elas aparecem imbricadas e indissociáveis. Isso significa que, em uma aula com o tema "passes do futebol", os alunos possam, dentre outros elementos, aprender a executar o movimento técnico da melhor maneira possível (procedimentos), compreender os sentidos e a importância de passar a bola no contexto do jogo para o entrosamento e eficácia da equipe (atitudes), bem como aprender sobre os diferentes tipos de passes específicos do futebol.

Libâneo (1994) conceitua também três dimensões do conteúdo, que equivalem à denominação proposta pelos PCNs. Esse autor as denomina

de "conhecimentos sistematizados" – equivalentes à dimensão conceitual; "habilidades e hábitos" – que se equiparam à dimensão procedimental; e, por fim, "atitudes e convicções" – relacionadas com a dimensão atitudinal. Assim, na análise que se segue, optamos por manter as denominações propostas por Libâneo, no sentido de explicitar quais são as características básicas de cada dimensão do conteúdo que desejamos afirmar para o trato didático-pedagógico do futebol.

Como já discutido, a especificidade da prática pedagógica da Educação Física está alocada na possibilidade do trato didático-pedagógico dos conteúdos de uma faceta da cultura humana, a Cultura Corporal de Movimento. O esforço de selecionar e tratar os conteúdos depende da formulação de respostas básicas às questões que se seguem: quais elementos da herança cultural humana, especificamente da Cultura Corporal de Movimento, devem formar os conteúdos de ensino? O que deve ser aprendido pelas novas gerações em relação ao conteúdo futebol, no sentido de produzir um desenvolvimento das capacidades humanas dos sujeitos/alunos? Como argumenta Libâneo, é papel da didática sistematizar essa herança cultural, acumulada historicamente pela humanidade, em processos de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, os conteúdos de ensino podem ser diversificados em três dimensões: "conhecimentos sistematizados"; "habilidades e hábitos" e "atitudes e convicções".



Os "conhecimentos sistematizados" referem-se a conceitos e termos fundamentais dos fenômenos sociais. No caso do futebol, correspondem à produção do conhecimento no plano teórico-conceitual "sobre" essa prática social. O futebol é um fenômeno analisado teoricamente tanto nos planos de sua atividade cotidiana quanto da sua relação com o contexto econômico, político, social e cultural na sociedade moderna. Dessas análises são produzidos conhecimentos que nos possibilitam discutir, criticar

e, até mesmo, transformar essa prática social. Assim, os “conhecimentos sistematizados” dizem respeito a análises e compreensões conceituais “sobre” o futebol, com base em diversas áreas de produção do conhecimento, como Educação Física, Sociologia, Física, Geografia, Filosofia, Comunicação Social etc.

Libâneo (1994) destaca que as “habilidades” são qualidades intelectuais fundamentais para a assimilação de conhecimentos e os “hábitos” são modos de agir que possibilitam formas de aprendizado eficazes e ativos. Essa dimensão do aprendizado, como é explicitada nos PCNs, refere-se ao desenvolvimento de procedimentos (habilidades e hábitos) que produzem experiências vivenciadas em relação ao conteúdo. Na prática pedagógica da Educação Física na escola, a dimensão procedimental apresenta uma supremacia no trato com o conteúdo. Em inúmeros casos, a aula começa com a divisão dos times e termina sem qualquer discussão acerca dos eventos que ocorreram durante o jogo e na própria divisão das equipes. O nosso grande desafio, como docentes, é elaborar uma proposta de intervenção na qual a dimensão procedimental esteja articulada à dimensão conceitual e, ainda, possibilite o desenvolvimento de um trato pedagógico das “atitudes” e “convicções” (dimensão atitudinal).

Em relação a “atitudes” e “convicções”, amparados em Libâneo (1994), estamos nos referindo aos valores, aos modos de agir, de sentir e de se posicionar em frente à vida. Nesse sentido, devemos refletir como o aprendizado do futebol possibilita o desenvolvimento de relações éticas, estruturadas a partir do respeito mútuo, do reconhecimento das diferenças, da cooperação, bem como de outras formas de sociabilidade que acreditamos ser importantes para o processo de formação dos alunos.

A partir dessa visualização dos elementos do conteúdo de ensino, construímos uma série de temáticas que nos permitem tratar do conteúdo “futebol” na escola. Nesse sentido, organizamos “o que e como ensinar sobre o futebol na escola” a partir de temas nos quais podemos visualizar a relação entre as dimensões (procedimentais, conceituais e atitudinais) no processo de ensino-aprendizagem. Já de antemão, gostaríamos de destacar que não se trata de uma receita a ser aplicada em todos os contextos, mas de uma tematização que visa à reflexão acerca das possibilidades de abordagem metodológica do futebol na disciplina de EF.

Para tal empreitada, buscamos embasamento em Darido e Souza Júnior (2007, 2010), de maneira que alguns temas foram elaborados a partir desses autores e outros a partir de nossa experiência como leitores, docentes, espectadores, torcedores, jogadores e atletas de futebol. Os temas escolhidos foram:

- 1 **DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE:
EDUCAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E RENDIMENTO**
- 2 **FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO FUTEBOL**
- 3 **FUTEBOL E SISTEMAS DE JOGO**
- 4 **FUTEBOL, MÍDIA E OS MEGAEVENTOS**
- 5 **FUTEBOL E ÉTICA**
- 6 **HISTÓRIA DO FUTEBOL**
- 7 **FUTEBOL: DAS ELITES EUROPEIAS ÀS PERIFÉRIAS DO BRASIL**
- 8 **FUTEBOL FEMININO**
- 9 **FUTEBOL E SAÚDE**
- 10 **ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS SOBRE O FUTEBOL**

Vale dizer que essa seleção de temas foi um recorte necessário elaborado por nós, o que significa que inúmeros outros itens podem ser inventados para serem tratados nas aulas. Tal recorte foi pautado nas possibilidades apresentadas por Bracht e González (2012) sobre orientações fundamentais ao abordar o esporte nas aulas de Educação Física. Na ocasião, os autores apontam para o caminho da aptidão física ou para o caminho da cultura. Optamos pelo segundo, por compreendermos que a Educação Física, ao trabalhar sob o viés da Cultura Corporal de Movimento, possibilita ao aluno uma melhor compreensão de como um determinado conteúdo está atravessado por aspectos sociais, fisiológicos, técnicos, culturais, históricos, políticos e econômicos. Desse modo, apresentamos, a seguir, algumas possibilidades de como tais temas podem ser trabalhados nas aulas de Educação Física escolar.

ENSINANDO O CONTEÚDO FUTEBOL POR MEIO DE TEMAS

A proposta a ser desenvolvida com esta temática é a de que os alunos compreendam as distintas formas de se praticar e viver o futebol na sociedade. Nesse sentido, há necessidade de ampliar o seu universo simbólico para que eles possam reconhecer as inúmeras formas de experimentar o futebol, ou seja, os "futebóis", bem como os sentidos e os objetivos produzidos em cada espaço social vinculado a essa prática. É exemplo característico a diferenciação entre o futebol como prática de lazer da comunidade e o futebol praticado pelos atletas em clubes.

1 DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE: EDUCAÇÃO, PARTICIPAÇÃO E RENDIMENTO

Torna-se importante, nesse processo de ampliação do entendimento do futebol, produzir uma série de vivências que (re)signifiquem o modelo hegemônico institucionalizado desse esporte e, dessa forma, construir novas possibilidades de vivê-lo. Há de se destacar que, para que processos de (re)significação possam ser instaurados, os alunos devem se apropriar, também, da forma institucionalizada do futebol. Não queremos aqui negar o modo como o futebol se organiza na instituição esportiva, mas sim propor que o ensino da Educação Física na escola amplie as possibilidades de vivência desse esporte para além desse modelo institucionalizado. Exemplos de práticas pedagógicas são: construir o futebol da turma, por meio do qual os alunos possam elaborar o regulamento do jogo; vivenciar o futebol de rua e outras formas de práticas; discutir a relação entre os objetivos do esporte de rendimento e os do esporte de lazer etc.



Para construir o futebol da turma, sugerimos iniciar com um jogo de futebol "sem regras". Não haver regras não significa um "vale tudo", portanto é necessário orientar os alunos para um cuidado redobrado com os colegas nessa atividade. Na verdade, o jogo possui um mínimo de regras: apenas dois goleiros e as metas onde o gol pode ser efetuado. Vale pegar a bola com a mão, não há saída de lateral e também pode segurar o colega que está com a posse da bola. Geralmente o caos se estabelece, e é justamente percebendo isso que o professor pode convidar os alunos a pensarem acerca do papel das regras no jogo e na sociedade. Qual a relação entre o jogo, a vida em sociedade (fora do jogo) e as regras? O que ocorre se mudarmos as regras do futebol? Continua sendo futebol? As regras não mudam? Como são estabelecidas? Quem as estabelece? Temos que, obrigatoriamente, jogar futebol com as regras oficiais ou podemos mudá-las de acordo com os interesses da turma e dos amigos/as que apenas desejam se encontrar para jogar uma "pelada"?

Após a discussão com os alunos, o professor pode sugerir que eles se organizem em grupos de três ou quatro e estabeleçam regras escritas que considerem importantes para jogar futebol com os colegas da turma. Os conjuntos de regras de cada grupo podem ser lidos e debatidos com o objetivo de elaborar um quadro de regras do futebol para a turma. O próximo momento será o de experimentar o futebol com as novas regras e, caso alguma não funcione, pode ser reelaborada em conversa com a turma durante e após o jogo.



Uma outra estratégia é organizar com os alunos um "Tribunal de Justiça Desportiva", no qual os eventos polêmicos e o desrespeito às regras pactuadas durante os jogos podem ser analisados pelos alunos e pelo professor.

Os alunos ocupam cargos itinerantes e, a cada audiência, mudam de papel: advogado de defesa, júri popular, advogado de acusação, testemunhas, réu, vítima, promotor, juiz, entre outros que podem ser inventados.

Ao abordar esse tema, acreditamos ser necessário argumentar em favor de um mal-entendido no campo da Educação Física: o de que o trato pedagógico crítico seria contrário ao ensino das técnicas esportivas! O movimento teórico produzido pela Pedagogia Crítica da nossa área colocou em xeque a forma técnica (tecnicismo) de ensinar o esporte e não a técnica esportiva. A técnica esportiva é fundamental para que os alunos consigam se apropriar e desfrutar do futebol como um elemento da cultura. A proposta que pretendemos vincular é a de um trato pedagógico das técnicas que rompa com um modelo tradicional, já amplamente conhecido, no qual, primeiramente, os alunos executam separadamente os fundamentos e, posteriormente, são inseridos no jogo propriamente dito.

Acreditamos ser possível tratar o ensino da técnica de forma mais ampla, na qual se pode produzir um contexto dinâmico de aprendizagem dos gestos motores, principalmente a partir de jogos. No desenvolvimento da temática, os alunos tomam contato com situações de ensino específicas para a aprendizagem dos fundamentos técnicos do futebol, bem como há possibilidade de discussão da importância qualitativa das técnicas para o desenvolvimento do jogo.

Os fundamentos técnicos do futebol são: o *passe*; a *finalização*; o *domínio*, a *recepção* e o *controle de bola*; a *condução*, o *drible* e a *finta*; o *cabeceio* e a *marcação*.

O primeiro deles é relacionado com a movimentação ofensiva do jogo – o *passe*. O *passe* é fundamental para que os alunos possam construir uma dinâmica coletiva e colocar em ação as táticas ofensivas. Eles podem ser classificados, basicamente, em relação à trajetória – rasteiros, meia altura ou altos – bem como a distância – curtos, longos, médios, paralelos, diagonais, para frente ou para trás.

Outro elemento do fundamento técnico é a **finalização**, caracterizada por bater na bola com o pé, com a cabeça ou com qualquer outra parte do corpo, exceto com as mãos, com intuito de fazer o gol. É o fundamento que precede o gol. Por exemplo, a finalização com os pés contém algumas características: no chute com o "peito do pé", parte superior dos pés, o executante pode conferir maior força, já o chute com a parte interna ou externa do pé possibilita maior precisão; e, também, há a possibilidade de chutar de "bico", usando, principalmente, os dedos do pé, nas horas em que o jogador se sente pressionado.

2 FUNDAMENTOS TÉCNICOS DO FUTEBOL



Os filmes "Pelé eterno" e "Garrincha: estrela solitária" podem possibilitar a reflexão sobre a relação entre o talento e o treinamento esportivo.



Finalização e passe podem ser combinados em diversas atividades. Sugerimos que o professor, após sensibilizar os alunos acerca da apropriação técnica de todos da turma para a melhora do nível técnico do jogo, organize grupos de três ou quatro, nos quais os alunos mais habilidosos recebam o desafio de “treinar” passe, condução e finalização com os menos habilidosos e com as meninas. Ao final da aula, convocam-se os trios ou quartetos e realizam-se minijogos nos quais todos os grupos se enfrentam, podendo experimentar as orientações e conhecimentos adquiridos com os colegas.



Há também os fundamentos técnicos de **domínio, recepção e controle de bola**. Esses fundamentos caracterizam-se pela necessidade de o jogador manter a posse de bola. O primeiro contato com a bola é caracterizado pela recepção, que pode ocorrer com os pés, coxas, peitos; já numa segunda fase, após a recepção, o jogador tem a possibilidade de dominá-la; e a terceira fase é o controle da bola.



A **condução, o drible e a finta** são elementos técnicos do futebol que, combinados com o passe, dão dinamicidade ao jogo. A condução é caracterizada pelo transporte da bola a espaços possíveis no campo de jogo, dominando-a. O drible é um fundamento que se combina com a condução e é utilizado para ultrapassar o adversário sem perder o controle de bola. É uma ação individual que visa a ludibriar o oponente. Já a finta é caracterizada por uma movimentação sem a posse de bola, com o objetivo de deslocar o adversário e fugir de sua marcação. Uma boa atividade (mais complexa) de trabalho com o drible é fazer o jogo ao som de uma música agitada e bastante conhecida dos alunos, que, ao receberem a bola, devem dançar e, ao mesmo tempo, tentar passar “dançando/driblando” pelo adversário. O drible, como “obra de arte” corporal, pode se constituir como um interessante tema de pesquisa e oficina de produção de movimentos. A sala de informática pode ser utilizada para os alunos acessarem vídeos sobre futebol *Free style* (estilo livre).



Por fim, o **cabeceio e a marcação** completam os fundamentos técnicos do futebol. O cabeceio é usado tanto como uma forma de passar bolas aéreas como possibilidade de finalização a gol ou, até mesmo, é usado de modo defensivo, para afastar a bola de uma zona perigosa. Geralmente, o cabeceio é realizado com a testa e com os olhos abertos, pois, nessa região da cabeça, o jogador consegue orientar melhor a direção e a potência tanto do passe quanto da finalização.

O ensino das técnicas, geralmente, é realizado de forma mecânica e sem dinâmica de jogo. Exemplificamos: os alunos ficam em duplas trocando passe ou cabeceando; formam-se filas para que eles conduzam a

bola de um lado da quadra a outro. Essa forma de aprendizado pode até ser interessante e necessária em alguns contextos, no entanto, é preciso pensarmos formas mais dinâmicas que estimulem o desenvolvimento dos fundamentos técnicos. Um exemplo é o jogo "bobinho". Nesse jogo, podemos utilizar poucos alunos na oposição e estimular o passe, mas, valendo-se do movimento, os alunos terão que se deslocar e realizar o passe com mais dinamicidade. Acreditamos na possibilidade de que algumas formas de brincadeiras ou jogos além de tornarem o ensino dos fundamentos técnicos mais dinâmicos também podem ser mais estimulantes para os alunos.

O ensino dos sistemas de jogo é uma faceta do trato didático-pedagógico de extrema importância para a apropriação e compreensão/intervenção da dinâmica do futebol. Gostaríamos de destacar, de forma analítica, como a ideia de apropriação apresenta uma forma de trato dos sistemas de jogo e, em contraponto, a perspectiva de compreensão/intervenção pode produzir ações mais criativas dos alunos nas vivências do futebol. Geralmente, o ensino dos sistemas de jogo se dá centrado na figura do professor, ou seja, no caso do futsal, o professor ensina aos alunos as táticas de jogo, por exemplo, o 3x1 ofensivo, o 2x2 defensivo etc. Com isso, espera-se que os alunos se apropriem das formas táticas e operem com elas durante o jogo. Os alunos são figuras que devem entender a tática e colocá-la em ação. Mais uma vez, não estamos querendo dizer que essa forma de ensino das técnicas não seja válida ou, até mesmo, que não seja eficiente. No entanto, acreditamos que os alunos possam ter uma postura também ativa e criativa no processo. O desenvolvimento de uma compreensão da dinâmica do jogo, a partir, por exemplo, de situações-problema, de acordo com as quais os alunos deverão se organizar para encontrar soluções táticas, permitirá que eles possam intervir e tomar decisões no transcorrer do jogo. O professor, nesse caso, pode apresentar uma série de situações de ensino que permitam aos alunos refletir sobre as formas de organização da equipe e do jogo e propor a elaboração de soluções. Um exemplo seria criar um futebol de quatro metas, no qual as equipes atacariam duas metas e defenderiam duas ao mesmo tempo: como organizar a equipe para que consigamos atacar e, ao mesmo tempo, não deixar vulneráveis as metas a serem defendidas? Outro exemplo: como os alunos podem elaborar uma tática defensiva de marcação com pressão para poder roubar a bola com mais rapidez e tentar descontar uma diferença de gols, supondo que a equipe esteja em desvantagem? Nessas situações, os alunos são convidados a refletir sobre um problema dado e intervir para solucioná-lo.

3 FUTEBOL E SISTEMAS DE JOGO



4 FUTEBOL, MÍDIA E MEGAEVENTOS



O documentário sobre a Copa do Mundo nos Estados Unidos, em 1994, intitulado "*Todos os corações do mundo*", é um bom recurso didático para análise de imagens com os alunos.



Outra dica é discutir com os alunos o texto "*A copa deixa você mais pobre. E mais feliz*", publicado por Simom Kuper, na "*Revista Super Interessante*", edição 279, de junho de 2010. O autor apresenta uma série de elementos que demonstra que não houve nenhum legado positivo para a grande maioria da população da África do Sul com a realização da Copa do Mundo em seus territórios no ano de 2010¹².



O tema "futebol e mídia" pretende abordar a relação entre a televisão (TV), outros meios de comunicação e a Educação Física escolar, uma vez que acreditamos ser possível educar a partir de uma linguagem audiovisual que possibilite aos alunos serem espectadores críticos dos eventos esportivos. A TV apresenta-se hoje como a mais poderosa mídia existente, e os discursos por ela veiculados estão intimamente atrelados aos imaginários que as pessoas constroem sobre o futebol. Quem nunca se deparou com o Galvão Bueno entoando um discurso em que afirma que o futebol de alto rendimento é saúde? E quem acreditou nesse discurso sem se perguntar se é mesmo coerente? O futebol é realmente um mecanismo de ascensão social no Brasil? Cerca de 85% dos jogadores profissionais de futebol no Brasil ganham aproximadamente um ou dois salários mínimos. Esses exemplos já demonstram que os discursos divulgados pelos meios de comunicação devem ser alvo de discussão e de trato pedagógico com o alunado, uma vez que as mídias têm um poder imenso de formação de opinião pública. Uma estratégia interessante a ser trabalhada com esse tema é dividir a turma em três grupos, os quais devem ser espectadores de vídeos de um mesmo jogo, no entanto dois grupos assistem com a narração de emissoras diferentes e o terceiro grupo apenas ouve o jogo narrado pelo rádio. Feito isso, abre-se o debate sobre o jogo. Como os três grupos assistiram ao jogo? Suas impressões e análises do jogo são muito distintas? A TV, em muitos casos, é concebida como uma "janela de vidro"¹¹, pela qual acreditamos ver a realidade como ela é, verdadeira. Entretanto, do outro lado da telinha, há astuciosos produtores de sensações, estratégias de *marketing*, de *ibope*, repórteres e emissoras que escolhem o que nós assistimos. Nesse sentido, aprender futebol na escola significa também "aprender" a "ler", assistir, ouvir e fazer análises das emoções (e das estratégias de controle) veiculadas pelas mídias (TV, jornais impressos, *internet*, rádio etc.).

Outro tema importante de ser estudado, analisado e refletido são os megaeventos esportivos. No âmbito do futebol, destaca-se a Copa do Mundo. Evento que, geralmente, vem acompanhado por gastos públicos exagerados, verbas que seriam destinadas à saúde e à educação, por exemplo, são transferidas para o esporte. O turismo, nos países que sediam tais eventos, continua o mesmo após o término das competições. Não há aumento da atração turística em longo prazo e muitas construções e estádios ficam conhecidos como "elefantes brancos", pois, além de onerosa manutenção, não são utilizados depois dos jogos. Várias famílias são obrigadas a mudar do bairro em que sempre viveram para que obras de ampliação urbana possam ser realizadas em benefício dos megaeventos.

11. Ver Betti (1998) "A janela de vidro: esporte, televisão e educação física".

12. O artigo pode ser acessado pelo site: <<http://super.abril.com.br/esporte/copa-deixa-voce-mais-pobre-mais-feliz-573075.shtml>>.

Infelizmente, quem se enriquece após esses eventos são os organizadores; o Brasil não ficará mais rico após a Copa, mas a CBF, a FIFA, a equipe campeã, alguns atletas e seus empresários! Esses exemplos demonstram a necessidade de tratarmos pedagogicamente os megaeventos para que os alunos possam ser capazes de analisá-los para além dos discursos feitos pela mídia esportiva.

Antes de promover uma análise sobre os aspectos pedagógicos da relação entre futebol e ética, gostaríamos de destacar que a análise ética deve perpassar o trato didático pedagógico dos conteúdos de maneira geral. A atenção do professor, no sentido de tratar e discutir questões, como respeito, cooperação, individualismo, racismo, preconceito, entre outras formas de relações, deve ocorrer durante todo o processo de aprendizagem. A ética, como princípio em favor da vida, exigirá do professor a constante análise, junto com os alunos, de atitudes individualistas, agressivas e de desigualdades durante o jogo. Assuntos como corrupção, cartolagem, compra de resultados, manipulação midiática e política do fenômeno futebol, etc. também merecem ser tratados. Quais as diferenças entre concebermos a partida de futebol como um "jogo com o outro" e "um jogo contra o outro"? Os alunos conhecem a história do gol de mão de Maradona (a famosa "Mão de Deus") que levou a Seleção de Futebol da Argentina à vitória contra a Inglaterra na fase de quartas-de-finais da Copa do Mundo de 1986? Por que, mesmo após constatado pelas câmeras de TV, um erro como um gol de mão não pode ser corrigido? Em outros esportes, como o erro é tratado? Um bom exemplo é o tênis, em que o uso de tecnologia auxilia a arbitragem a verificar as dúvidas e as reclamações dos jogadores. Contudo, quais as implicações ético-estéticas para o futebol, caso a tecnologia passe a fazer parte da arbitragem de lances decisivos? Pode-se abrir uma interessante conversa com os alunos sobre futebol e justiça, lançando a seguinte questão: você concorda com o uso de tecnologia para definir os lances decisivos do futebol? Argumente e justifique sua resposta.

Após assistir ao filme, "Maradona a Mão de Deus: o homem, o mito, o filme", os alunos podem escrever sobre as questões que consideram as mais importantes. O professor pode sistematizar as questões dos alunos e abrir um debate com o tema "Vencedor no futebol, vencedor na vida?". Além disso, o filme pode auxiliar o professor a desenvolver estratégias de debates, encenações, júri simulado e outras que colocam em pauta questões que envolvem uso de drogas e esportes; as benesses e o "peso" de ser um ídolo, o mito esportivo, entre outras.

5 FUTEBOL E ÉTICA



Indicamos o filme: "Maradona a Mão de Deus: o homem, o mito, o filme", do diretor italiano Marco Risi.



6 HISTÓRIA DO FUTEBOL

13, Ver documentário "Olhos azuis", no qual as pessoas são levadas a ocupar o "lugar" de constrangimento dos "outros" e a experimentar na pele seus próprios preconceitos. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Tnrh7KRMiU8>>.



Este tema tem como proposta problematizar a história do futebol, trazendo à tona o regime político e os modos de vida da época em que o futebol nascia em berço burguês britânico e se espalhava pelo mundo. A ideia aqui é provocar os estudantes a refletir acerca de como as pessoas se relacionavam na sociedade, e como essas relações desembocavam nas práticas corporais e vice-versa. Nossa sugestão é elaborar encenações, por meio do jogo de futebol, que permitam aos alunos sentir "na pele" acontecimentos da história do futebol. A estratégia, então, é trabalhar uma "história encarnada"¹³ e encenada, na qual se manifestem as questões de gênero, de exclusão, de preconceitos, de etnia, de *status* e classe social ligadas à prática do futebol.

Sugerimos que a encenação da história remonte à sociedade aristocrática inglesa do século XIX. O professor conduzirá a montagem da encenação e determinará intencionalmente as personagens. O objetivo é criar um jogo em que apenas os aristocratas e do sexo masculino possam ter o direito de jogar. Nesse sentido, o professor pode escolher somente os meninos brancos da turma que tenham pais que possuam bens, como propriedades e carros, oferecendo-lhes exclusividade de direito ao jogo. As mulheres, os homossexuais, os afro-descendentes (negros) da turma não poderão jogar no primeiro momento (independente de suas habilidades), pois não possuem o direito de se igualarem aos homens da elite naquela sociedade.

A partir dessas experiências, abre-se para a discussão do que representa o fato de somente os homens jogarem, as mulheres não poderem jogar e também a maneira de se relacionar com a prática corporal. O que as alunas sentiram ao serem excluídas pela diferença de gênero? O que os meninos habilidosos sentiram ao serem excluídos pela etnia e condição social? Como os corpos dos alunos reagiram a essa experiência? É possível construir uma prática de futebol na escola onde todos possam participar? E qual é a importância de todos participarem? Como afrodescendentes e mulheres conquistaram, no fio da história, o direito de jogar futebol? Qual foi o primeiro clube brasileiro que aceitou um negro na equipe? Qual foi o interesse dessa inserção do negro e dos pobres numa prática restrita às elites? O professor pode elaborar um pequeno texto sobre a história do futebol e discutir com os alunos após a encenação.

Os alunos também podem ser instigados a realizar pesquisas sobre tais questões. Um mural sobre a história do futebol no mundo e no Brasil pode ser construído e fixado no pátio externo da escola.

Fatos históricos envolvendo o futebol também devem ser valorizados e discutidos com os alunos. Biografias de ídolos, catástrofes em estádios, histórias dos megaeventos (Copa do Mundo) se constituem como boas dicas de estudo e podem possibilitar encenações das mais ricas e variadas.

Tema que complementa e avança em relação à história do futebol. Darido e Souza Júnior (2007) o problematizam a partir da viagem de Charles Miller à Inglaterra, filho de ingleses, que, ao voltar ao Brasil, trouxe o futebol. Trabalhar a "viagem" do futebol possibilita perceber que esse esporte não é brasileiro, como aparece na mídia e em uma das justificativas dos alunos-professores do Curso de Prolicenciatura em Educação Física, apresentada no capítulo anterior. Como vivência, Charles Miller (representado por um aluno) pôde encenar o pedido à rainha da Inglaterra para levar o futebol ao Brasil e, em solo brasileiro, apresentar o jogo à elite. Isso pode acontecer de tal maneira que sejam escolhidos alguns poucos alunos para jogar, como se fossem representantes da elite. Essa vivência coloca em xeque o senso comum de que o futebol trabalha a inclusão das pessoas. Como discussão com os alunos, podemos levantar algumas questões, por exemplo, como é ser considerado um "privilegiado" e que, por ser rico, pode, exclusivamente, ter acesso às práticas corporais? Por outro lado, o que representa ser de uma classe que a ela é negado o direito a uma determinada prática corporal? Como os alunos se sentiram? O que a encenação do jogo traz para o debate? A elite conseguiu sustentar o futebol somente entre os seus? Essa questão nos leva ao que podemos chamar de Reinvenção do Futebol, na qual esse esporte deixa de pertencer à elite e passa a ser praticado pelas camadas populares. Se, antes, havíamos escolhido poucos alunos para representar a elite, agora é o momento de a parte excluída vivenciar o futebol, mas de uma maneira diferente, já que não tinha acesso às regras do jogo, pois todos eram analfabetos. Discutir com os alunos a diferença entre o futebol praticado pela elite e o futebol praticado pelos populares, considerando as vestimentas, os rituais e as regras. Também podem entrar em debate os espaços e os tempos de prática do futebol. Onde a elite jogava? Como era o campo? Onde se localizavam? Onde os populares jogavam? Como eram os campos? Onde e como se situavam no espaço geopolítico das cidades? Essas questões nos levam a debater sobre as regiões onde ambos os grupos viviam; se a elite vivia nos centros, os populares viviam nas periferias, locais em que havia muitos campos, considerados de várzea, geralmente de terra e com pouquíssima grama, enquanto a elite jogava em campos de clubes e bem gramados.

7 FUTEBOL: DAS ELITES EUROPEIAS ÀS PERIFERIAS DO BRASIL



Ainda no enredo do futebol dividido pela classe social e pela etnia, é preciso abordar a "união" entre a elite e os populares e provocar os alunos no sentido de pesquisarem como veio se dando a inclusão dos negros e dos pobres nos clubes da elite. A vivência desse subtema é a formação dos times entre as pessoas que representavam a elite e as pessoas que representavam os populares. O jogo, então, passa a ser organizado por um equilíbrio entre a maneira de os dois grupos jogarem. A discussão enfatiza se há uma melhor maneira de jogar? Como os dois grupos se juntaram? De que maneira os negros entraram nos clubes? O que alguns clubes, por exemplo, o Fluminense, faziam com os jogadores negros? Por que foi cunhado de time pó de arroz? Como a cultura da periferia foi incorporada no futebol? Se, antes, a maioria era branca, o que é a maioria hoje nos clubes de futebol? De onde vêm os jogadores atuais? Vale trazer para a discussão alguns fundamentos/movimentos criados pelos negros/pobres, como a bicicleta, criada por Leônidas da Silva, e a pedalada de Robinho.

8 FUTEBOL FEMININO

Tratar o tema das mulheres no futebol nas aulas de Educação Física escolar passa por abordar chavões como, "Menina que joga bola é 'mulher-macho'", "Professor, as meninas canelam muito", "Futebol é coisa de homem". É preciso entender por que a maioria das meninas ainda apresenta mais dificuldade em aprender os fundamentos do futebol do que os meninos. Para tal, faz-se necessário compreendermos o processo histórico da mulher não só no futebol, mas na sociedade. Isso significa problematizar com os alunos a concepção de corpo e a educação da mulher e do homem, construídas em uma sociedade patriarcal como a ocidental: à mulher foram valorizadas a ternura, a fragilidade e a maternidade; ao homem atrelou-se a força, a virilidade, e a pujança. Outra questão importante refere-se aos tabus impostos historicamente e culturalmente ao corpo feminino, principalmente, aqueles veiculados pela moral religiosa que considera o corpo da mulher lugar do pecado e, portanto, uma ameaça à alma masculina e à salvação.

Um bom exemplo é estudar a história do futebol feminino em outras culturas, como na dos Estados Unidos, onde o futebol feminino é mais popularizado e forte do que o masculino. A Seleção de Futebol Norte-americana é bicampeã da Copa do Mundo e a atual líder do *ranking* mundial, enquanto a masculina conseguiu, no máximo, um terceiro lugar na Copa do Mundo de 1930, no Uruguai.

Do ponto de vista da apropriação de técnicas e do jogo, o futebol de quatro quadrados e de seis¹⁴ quadrados na quadra de futsal e no campo são ótimas opções didáticas para iniciar o trabalho com as meninas, bem como trabalhar de modo misto.



14. Ver texto de Medeiros intitulado "Futebol de seis 'quadrados' nas aulas de educação física: uma experiência de ensino com princípios didáticos da abordagem crítico-emancipatória", contido na Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 191-209, jan. 2007.

O conceito de saúde como um perfeito “bem-estar” do corpo biológico, é uma ideia superada nas ciências humanas e há muito tempo vem sofrendo fortes críticas no interior das próprias ciências biológicas. A saúde, portanto, não está a cargo único e exclusivo da Medicina, mas é responsabilidade de uma multidisciplinaridade de áreas que convoca, tanto quanto possível, os diversos campos do saber e das ciências para sua análise e promoção, podendo prevenir e curar doenças. Assim, a disciplina Educação Física pode contribuir para a promoção da saúde por meio do futebol na escola ao tematizar e experimentar com os alunos os diversos discursos e imagens veiculados acerca da relação esporte e saúde, futebol e saúde, atividade física e saúde. Nesse caso, os professores podem incentivar os alunos a analisar os discursos que atrelam os corpos dos jogadores de futebol à beleza estética, à saúde e ao sucesso. Uma boa dica é trabalhar com as entrevistas coletivas dadas pelos grandes ídolos que, por problemas de lesões causadas pelos fortes treinamentos, abandonaram precocemente o esporte. A entrevista de Ronaldo, “o Fenômeno”¹⁵, é uma boa dica para iniciar uma conversa com alunos acerca da relação futebol e saúde. A partir do vídeo, o professor pode levantar as seguintes questões com os alunos: o que é saúde pra você? Atividade física é saúde? Como o aprendizado do futebol pode contribuir como prática de saúde? Os alunos podem escrever pequenos textos sobre tais questões e, posteriormente, o professor pode abrir um debate com a turma sobre as respostas dadas.

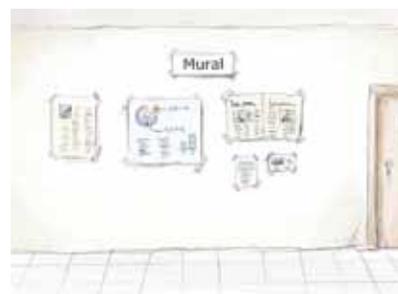
Outra dica que pode contribuir com o trato dessa temática é a de proporcionar aos alunos a vivência e registro das modificações fisiológicas ocorridas durante o jogo de futebol. Pode-se mensurar a frequência cardíaca em diferentes condições de gasto energético (deitado, sentado, em pé) e durante o jogo. Com os dados das frequências parciais registradas, cada aluno pode elaborar um gráfico no qual será possível perceber as variações do comportamento cardiorrespiratório e suas relações com o gasto energético. Daí o professor pode utilizar reportagens de jogadores de futebol que tiveram mortes súbitas durante o jogo e problematizar com os alunos a questão do alto rendimento e do rendimento necessário para que o futebol se torne saudável.

Os alunos também podem ser incentivados pelo professor a realizar pesquisas na comunidade com os jogadores dos times de várzea, buscando identificar as relações entre a prática do futebol e os valores de saúde e adoecimento que esse esporte apresenta no contexto do bairro. A estratégia de produção de gráficos é novamente uma boa dica, pois além de permitir fácil leitura por parte da comunidade escolar, o trabalho pedagógico

9 FUTEBOL E SAÚDE



15. Disponível no site do youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=IES1Zt_QIZ8>



pode constituir interdisciplinaridade com os professores de Matemática, Ciências, Biologia e Geografia e outras disciplinas. Um relatório com a análise dos gráficos pode ser elaborado, assinado por todos os alunos participantes, pessoas da comunidade e direção da escola e entregue ao líder da comunidade e aos setores responsáveis pelas políticas de esporte e lazer e urbanismo da prefeitura local.

Esse tema também comporta e exige que tratemos o futebol como experiência positiva para todos. Isso somente será possível, se o professor assumir o papel de mediador da produção de vínculos entre os alunos que formam o grupo da turma, condição na qual todos possam ser reconhecidos como importantes para o jogo. Nesse caso, uma alternativa é trabalhar a ideia de futebol como "bom encontro", no qual o "encontro" com o outro para jogar futebol fortaleça as relações, equilibre o jogo e permita que todos experimentem a ludicidade como desafio e superação de si. Uma boa estratégia para sensibilizar os alunos é, em um primeiro momento da aula, organizar os times de modo que uma das equipes seja constituída pelos jogadores mais habilidosos e fortes. A equipe vencedora permanece em campo/quadra. Após algumas partidas, o professor, em um segundo momento, desmonta as equipes, equilibrando-as. Em exercício comparativo entre o primeiro momento e o segundo, o professor pode problematizar a ideia do futebol como "bom encontro"; meio pelo qual os conflitos e as diferenças podem ser discutidos; bem como novas normas de jogar e de estabelecer relações com o competir, cooperar, vencer e perder. As práticas com alunos podem ser inventadas com objetivo de produzir sempre "novos encontros", movidos por uma rede de afetos, pelos vínculos de grupo, por uma política da amizade.

Embora este tema também possa ser tratado como uma estratégia didática, optamos por considerá-lo um elemento importante a ser tematizado com os alunos. Se advogamos uma Educação Física crítica, então, a inclusão e a participação efetiva dos alunos na organização dos eventos ligados às práticas corporais na escola torna-se importante. Tradicionalmente, o evento mais significativo e recorrente ligado ao futebol na escola são os famosos "jogos interclasses". O nome "interclasse" geralmente significa, em termos práticos, torneios organizados exclusivamente pelo professor nos quais as classes/séries¹⁶ em desiguais condições físicas e técnicas se enfrentam. Além disso, o professor é o árbitro que faz valer todas as regras oficiais do futebol de alto rendimento, às quais os alunos, independentemente de suas condições, terão de se adaptar inexoravelmente.

Rompendo essa lógica, sugerimos que os jogos se constituam em elemento pedagógico que leve os alunos à corresponsabilização da gestão dos eventos e da possibilidade de inventar novas formas de organizá-los.

Na tentativa de elaborar jogos que contemplem a todos os alunos, sugerimos que, a partir do prévio conhecimento/experimentação durante o bimestre/trimestre, os alunos sejam convocados para uma plenária acerca dos tipos e modalidades de "futebóis" que podem compor os jogos interclasses. Futebol de botão, dedobol/futebol de prego, futebol misto, desafio de embaixadinhas, linha-gol, furingo/travinha, futsal, futebol de campo são bons exemplos que podem ser oferecidos aos alunos como possibilidade de vivência nos jogos.

As disputas podem ocorrer simultaneamente, se os alunos e as turmas se corresponsabilizarem, assumindo a organização (congresso técnico, inscrição e arbitragem) das modalidades escolhidas. Por exemplo, em nossa experiência em uma escola Polivalente da Cidade de Cariacica/ES, fomos bem-sucedidos na parceria com os alunos da seguinte forma: os alunos do ensino médio (1º e 2º anos) organizaram a competição de futsal e furingo/travinha para a categoria 10-11 anos (alunos de 5ª e 6ª séries); os alunos das 8ª séries organizaram as disputas das mesmas modalidades para a categoria 12-13 anos. O professor e os alunos que participaram dos jogos nas categorias 12-13 anos organizaram os jogos para os alunos das 8ª séries e do ensino médio.

Para a organização dos jogos, convocamos uma plenária e instituímos comissões de alunos. Essas comissões tiveram o papel de discutir as regras, a premiação, o regulamento e as formas de disputas com os participantes de cada modalidade. Também se responsabilizaram pela organização dos espaços dos jogos, pelos registros (escritos e fotografados) e pela arbitragem. O professor supervisionou todo o processo,

10 ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS SOBRE O FUTEBOL

16. Por exemplo, jogos nos quais as 5ª séries jogam contra turmas de 6ª, 7ª e 8ª séries.

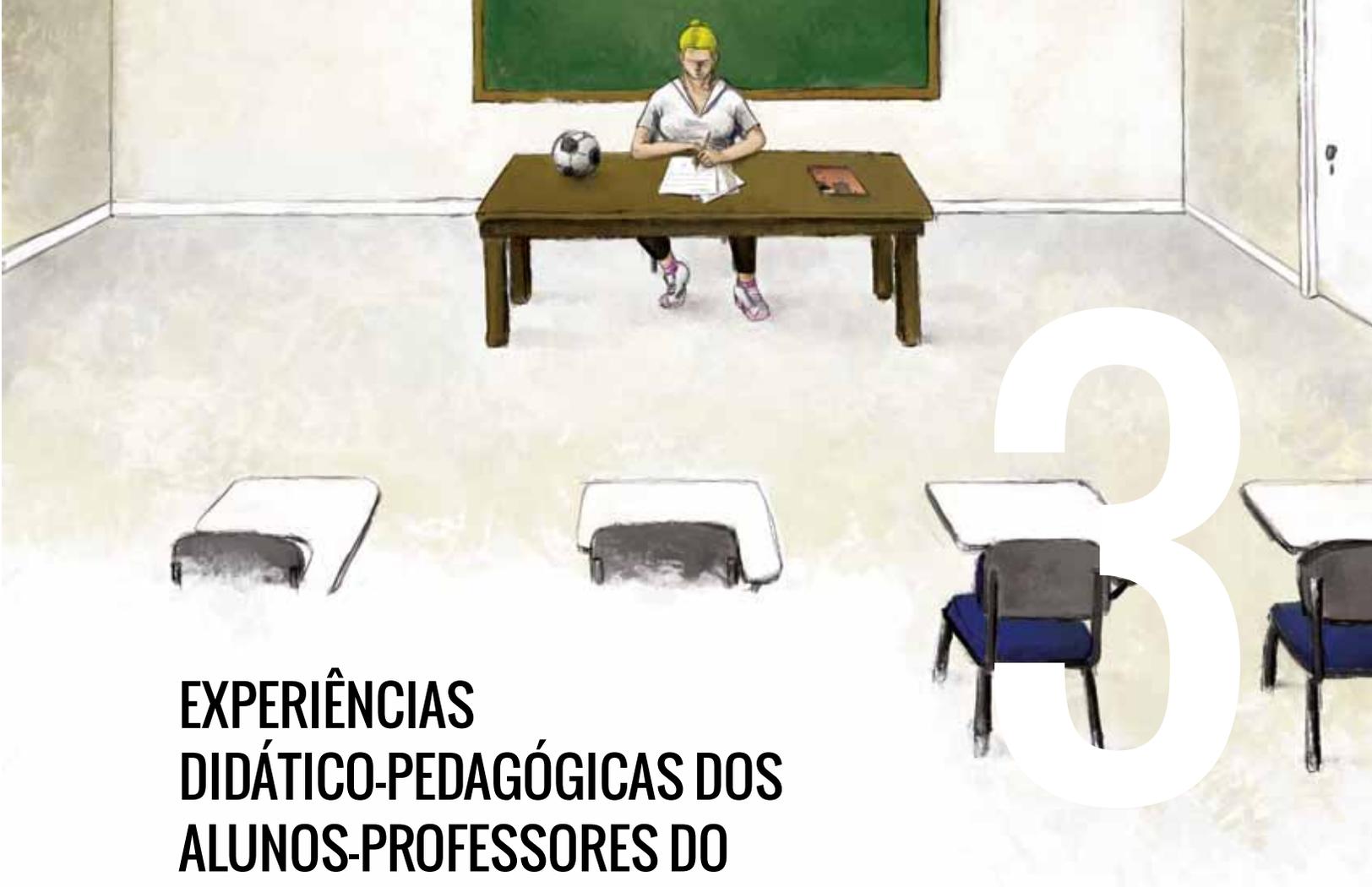




intervindo quando era necessário. As fotos e registros dos jogos foram organizados em uma exposição pedagógica que foi construída no corredor principal de entrada da escola.

Além dos jogos, a organização de outros eventos é possível, como a construção de uma Mostra Cultural de Camisas de Clubes. O professor pode solicitar que os alunos tragam camisas de times de futebol de suas preferências, bem como de times do bairro ou da comunidade. As camisas podem ser agrupadas e penduradas em um grande mosaico, de acordo com bairros/regiões/países dos times.

A visita a campos de futebol de várzea da comunidade e aos estádios é uma sugestão de organização de eventos fora dos muros da escola. O professor pode identificar, antecipadamente, as curiosidades dos alunos em relação ao jogo que assistem pela TV e ouvem pelo rádio. Uma estratégia interessante é construir coletivamente um roteiro de visita com os alunos.



EXPERIÊNCIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS DOS ALUNOS-PROFESSORES DO PROLICENCIATURA

Destinamos este capítulo a compartilhar com vocês dois Planos de Intervenção e um Relato de Experiência, produzidos sob nossa orientação, na Oficina de Docência de Futebol (ODF) por dois alunos-professores do Prolicenciatura. A primeira experiência é de autoria do aluno-professor Moisés Codeço de Souza, que elaborou um Plano de Intervenção de Futebol para a Escola, desenvolvido em uma instituição estadual de ensino fundamental e médio (EEEFM) da cidade de Alegre/ES. Não temos ainda o relato de experiência referente ao desenvolvimento do projeto. Contudo, cremos que esse plano expressa, de modo geral, a direção e o sentido que vimos construindo para o ensino do futebol na ODF.

A experiência II é de autoria de Gilvane Pilger de Almeida, que elaborou e desenvolveu um Plano de

Intervenção no Projeto Criança Cidadã nas Artes e nos Esportes, na Cidade de Domingos Martins/ES. O tutor de Seminário de Estudos, Mauro Sérgio da Silva, acompanhou a produção do relato de experiência. Gilvane Pilger foi aluno da primeira edição da Oficina de Docência de Futebol, portanto, nesse momento, ainda não havíamos solicitado que a resposta à pergunta "*Por que ensinar futebol na disciplina EF*" fosse item obrigatório do plano de trabalho/intervenção. Contudo, essa questão foi intensamente discutida com os alunos por meio dos fóruns virtuais, bem como no encontro presencial da ODF.

Esperamos que tais experiências não sejam copiadas nem compreendidas como modelos ideais de projetos e relatos, mas que sirvam de inspiração para que tantas outras novas experiências possam ser produzidas.

PLANO DE INTERVENÇÃO DE FUTEBOL PARA A ESCOLA

Moisés Codeço de Souza

Aluno do Prolicenciatura do Polo de Alegre-ES

Ueberson Ribeiro Almeida

Prof. da Oficina de Docência de Futebol

IDENTIFICAÇÃO

Escola: EEEFM "José Corrente"

Série: 6ª II

Turno: Vespertino

Professor: Moisés Codeço de Souza

Número de Alunos: 24

Disciplina: Educação Física

Total de aulas previstas: 10 aulas

Distribuição de tempo: 2 aulas semanais (55 minutos cada)

POR QUE ENSINAR FUTEBOL NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

O futebol, como conteúdo da Educação Física Escolar, deverá ser trabalhado de maneira crítica, levando os alunos a discernir o caráter mais competitivo ou recreativo de cada situação, conhecer o seu histórico, compreender minimamente regras e estratégias e saber adaptá-las.

Segundo Melo (2007), no futebol não basta a repetição de gestos estereotipados, com vistas a automatizá-los e reproduzi-los; é necessário que o aluno se aproprie do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento e construa uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual. Isso significa dizer que o processo de ensino e aprendizagem do futebol na Educação Física Escolar não se restringe ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas abrange também a capacidade de o indivíduo refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira significativa.

A ação pedagógica envolve não somente aspectos físicos e mecânicos do futebol, mas também deve transmitir valores socioculturais e projetar desafios que esses adolescentes irão encontrar durante a sua vida. O professor deve estimular aspectos positivos, como responsabilidade, cooperação, respeito, disciplina, e fazer com que os alunos criem, por meio do esporte, uma consciência crítica e reflexiva (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O interesse em trabalhar o futebol na escola consiste em valorizar a Educação Física como componente curricular fundamental para a formação de um indivíduo historicamente contextualizado, consciente de seus valores culturais e sociais, capaz de perceber-se como agente determinante de suas próprias ações, ou seja, levar esses alunos a verem no futebol um caminho para adquirirem autonomia e se formarem cidadãos críticos em meio à sociedade onde vivem, além de avaliar as regras básicas e ampliar seus conhecimentos técnicos em relação ao referido esporte.

OBJETIVOS GERAIS

Ao final desta proposta, esperamos que, por meio do ensino do futebol nas aulas de Educação Física, os alunos sejam capazes de:

- a) compreender aspectos históricos do futebol, suas regras, seus fundamentos técnicos e valores ligados a esse desporto.
- b) resgatar características e elementos desse desporto fazendo o exercício crítico acerca dos valores e lógicas que regem o futebol.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) compreender a história do futebol;
- b) oportunizar a prática do futebol, aproximando-o da natureza e do meio ambiente e com a formação de sua cidadania;
- c) reconhecer as regras do futebol;
- d) identificar os fundamentos técnicos do futebol;
- e) reconhecer a função do árbitro e identificar os sinais usados por eles;
- f) empregar as regras e fundamentos na prática do futebol.

CONTEÚDOS POR TEMAS

Conteúdo: Futebol	
Temas das aulas	Nº de aulas previstas
História do futebol	1 aula
Regras do futebol	1 aula
Faltas e atitudes antiesportivas	1 aula
Fundamentos técnicos do futebol	2 aulas
Iniciação ao futebol, envolvendo regras e fundamentos abordados	4 aulas
Avaliação	1 aula

METODOLOGIA

Inicialmente as aulas serão expositivas e dialogadas na sala, projetando os conteúdos afins por *datashow*, buscando sempre dar liberdade de participação, envolvimento e interação dos alunos. A História do futebol será trabalhada mediante pesquisa no laboratório de informática.

As aulas referentes às regras e fundamentos do futebol serão explanadas na sala e expandidas para o campo de futebol da comunidade, em que os alunos terão oportunidade de colocar em prática cada etapa estudada.

Os fundamentos técnicos serão trabalhados em dois momentos: no primeiro momento, a abordagem será mais explicativa e, em um segundo momento, os alunos experimentarão os fundamentos. Ressaltamos que a intervenção ocorrerá durante todo o processo de ensino, tanto nas vivências práticas, como durante as demais atividades individuais e em grupo.

Para as aulas teóricas, serão utilizados textos e folhas xerocopiadas contendo os conteúdos das aulas, que serão tratados sempre a partir dos diálogos e das vivências. Vivências estas que serão realizadas no campo de futebol da comunidade.

No final de cada aula, será promovido um debate sobre o tema abordado.

RECURSOS FÍSICOS E MATERIAIS NECESSÁRIOS

- a) sala de aula;
- b) campo de futebol;
- c) laboratório de informática;
- d) folhas xerocopiadas;
- e) *data show*;
- f) *notebook*;
- g) cones;
- h) bolas;
- i) apito.

AVALIAÇÃO

A avaliação terá a pretensão de ser contínua por meio de diálogos com os alunos e da observação da mudança de relação com o tema proposto, bem como a participação nas aulas, desempenho nos debates, observação direta do professor do desenvolvimento dos alunos em relação às atividades no decorrer das aulas, seus avanços nas tarefas propostas e cooperação com o grupo. Tudo isso fará com que se processe e se concretize a avaliação, que será instrumentalizada por prova escrita, fichas, relatos escritos, verbalização, entre outros.

BIBLIOGRAFIA

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

FREIRE, J. B. *Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física*. São Paulo: Scipione, 1989.

MELO, V. A. Esporte, futurismo e modernidade. *História*, São Paulo, v. 26, p. 201-225, 2007.

SALGADO, J. C. *Arbitragem eficiente e eficaz*. Guia para a correta aplicação das regras de futebol. 1998.

PLANO DE INTERVENÇÃO DE FUTEBOL PARA O PROJETO SOCIAL

Gilvane Pilger de Almeida

Aluno do Prolicenciatura do Polo de Venda Nova do Imigrante-ES

Ueberson Ribeiro Almeida

Prof. da Oficina de Docência de Futebol

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: Projeto Criança Cidadã nas Artes e nos Esportes

Conteúdo: Futebol

Disciplina: Educação Física

Professor: Gilvane Pilger de Almeida

Faixa etária: 11 a 13 anos

Semestre: 2º

Número de aulas: 25

Número de alunos na turma: 40 alunos

Duração da aula: 2 horas

OBJETIVOS GERAIS

Adquirir e desenvolver capacidade de analisar o futebol como esporte e prática corporal cotidiana e qualificar atitudes e comportamentos que possam transbordar ao ato de jogar e ao ambiente do projeto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) relacionar a convivência da prática esportiva com a convivência em sociedade;
- b) se apropriar do conhecimento de regras do futebol;
- c) experimentar fundamentos técnicos e táticos do futebol;
- d) identificar e analisar diferenças entre futebol de alto rendimento e futebol na perspectiva do lazer;
- e) desenvolver o senso crítico e a criatividade por meio do esporte.

CONTEÚDOS TEMÁTICOS

Conteúdo: Futebol	
Temas das aulas	Nº de aulas previstas
Texto: A influência do futebol na sociedade - Discussão e Análise	2 aulas
Disciplina e indisciplina no futebol	2 aulas
Futebol na comunidade e no Brasil	2 aulas
Fundamentos técnicos do futebol: passe, domínio, condução, drible, chute, cabeceio	8 aulas
Futebol trabalho X Futebol lazer	2 aulas
Regras do futebol	2 aulas
Elaboração de regras na prática do futebol	3 aulas
Sistemas de jogo: posicionamento tático e ocupação do espaço	2 aulas
Avaliação	2 aulas
Total de aulas	25 aulas

METODOLOGIA

Estaremos, ao longo das aulas, trabalhando de acordo com a perspectiva de aulas abertas (CARDOSO et. al, 1996). Em determinadas atividades e momentos das aulas, a perspectiva pode apresentar-se como aulas "fechadas", contudo o propósito no decorrer das aulas será sempre "abertas", com o intuito de proporcionar autonomia, decisão, exercício da liderança e atitudes respeitadas. Também, buscaremos relacionar a prática do esporte com a vida em sociedade.

Trabalharemos com aulas expositivas no campo. Procuraremos, ao longo das aulas, possibilitar aos alunos oportunidade para se expressarem por meio de ponderações, discussão de dúvidas a respeito dos temas trabalhados. Utilizaremos a sala de informática da escola para a realização de pesquisas. Além disso, assistiremos a vídeos que possam nos auxiliar no trabalho com os fundamentos do futebol. Também convidaremos palestrantes atletas da comunidade que já tiveram experiência com o futebol de alto rendimento. Isso nos auxiliará a construir elementos para enriquecer o debate sobre a questão que envolve o esporte como prática de lazer.

Assim, estaremos explorando inúmeros instrumentos de aprendizagem, tanto para as aulas teóricas, quanto para as aulas práticas, utili-

zando textos, reportagens de jornais, recortes de revistas, vídeos e filmes que tratem do futebol.

Os fundamentos técnicos serão trabalhados em vários momentos: em um primeiro momento, o enfoque será mais explicativo e, em um segundo momento, atuaremos por meio da visualização de vídeos. Por fim, os alunos experimentarão os fundamentos e o treinamento tático e coletivo da prática do futebol.

ATIVIDADES

- a) discussão de textos e análise de vídeos;
- b) conversa com palestrantes;
- c) atividade de pesquisa na sala de informática da escola em que os alunos estudam;
- d) apresentação de vídeos baixados da *internet*;
- e) vivência de variados circuitos;
- f) trabalhos em grupo com produção de regras e análise crítica de atividades desenvolvidas;
- g) jogos coletivos em curtos e longos espaços;
- h) dinâmica e trabalho em equipe.

RECURSOS FÍSICOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

Cones, campo, sala de informática, seis bolas, TV, DVD, revistas, jornais, cola, tesoura, giz de cera, vídeos e reportagens baixadas da *internet*, coletes, apito etc.

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada ao longo do período indicado por meio de observações, diálogo com os alunos, registro dos resultados alcançados pelos alunos em provas práticas de habilidades específicas dos fundamentos do futebol. Será dinamizada uma autoavaliação oral e todas as produções dos alunos, ao longo das aulas, serão avaliadas, bem como, será exigido o mínimo de 75% de frequência para a devida comprovação de seu proveito nas aulas desenvolvidas.

A MATERIALIZAÇÃO DO PLANO DE TRABALHO/INTERVENÇÃO DE FUTEBOL NO PROJETO SOCIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gilvane Pilger de Almeida

Aluno do Prolicenciatura do Polo de Venda Nova do Imigrante-ES

Mauro Sérgio da Silva

Tutor de Seminário de Estudos

A partir do desenvolvimento do plano de intervenção na Oficina de Docência de Futebol e das inúmeras intervenções do tutor de Seminários de Estudos (Mauro Sérgio), pudemos constatar que são muitos os desafios propiciados pelo ensino da prática esportiva, pois não podemos deixar que o trabalho se torne mecânico e pouco significativo para os alunos. Para que as aulas não tomem esse rumo, necessitamos nos mover em busca de mecanismos que propiciem maior envolvimento e vínculos entre os discentes. Nesse sentido, a Oficina de Docência de Futebol teve papel importante ao problematizar e nos permitir experimentar outros modos de aprendizagem desse desporto.



Foto 1- Encontro presencial da Oficina de Docência de Futebol - Campus Ufes, 2011

Após experimentar novas formas de aprendizagem do futebol na Oficina de Docência e no Seminário de Estudos, iniciei o desenvolvimento das atividades no Projeto Criança Cidadã nas Artes e nos Esportes, em Domingos Martins, região montanhosa do ES. Pude constatar a participação assídua por parte dos alunos e o interesse que eles demonstram pela prática do futebol. Esse desporto é muito praticado na comunidade e um dos principais mecanismos de encontro entre as pessoas.

Cuche (1999) mostra como se vem estabelecendo "A noção de cultura nas ciências sociais" e Laraia (1996), trata do "Conceito antropológico de cultura". Já Veiga-Neto (2003) fala-nos sobre as relações entre "Cultura, culturas e educação". A partir da análise do pensamento desses autores, podemos constatar que realizar uma reflexão sobre as práticas culturais da comunidade faz-se necessário para que tenhamos êxito em nosso trabalho, pois nossos alunos são influenciados por essa cultura, tornando-se, em muitos casos, determinante nas suas escolhas, gostos e preferências.

O futebol nos traz inúmeras nuances e belezas. Dentre elas, o contagiante prazer pela prática, por parte dos alunos, nas atividades realizadas. Podemos estabelecer relações entre lazer, cultura e educação, tendo a vida cotidiana das pessoas comuns como foco, porém essa tarefa não é tão simples, considerando o complexo universo de significações que envolvem esses conceitos.

Assim, a partir da leitura do texto "Lazer, cultura e educação: articulações possíveis", de Stigger (2009), percebi que as atividades realizadas em espaços/tempos em que os indivíduos estão livres do trabalho e de outras obrigações, apesar de inúmeros constrangimentos, ocorrem de acordo com as suas possibilidades de escolhas. Mesmo que essas práticas sejam, na maioria das vezes, observadas na perspectiva do entretenimento e de possibilidade de repouso, as pessoas que as desenvolvem estão passando por processos educativos, na perspectiva do que venho sustentando. Podemos, também, embasados nesse autor, constatar que a aprendizagem é facilitada por esta cultura. Segue ao lado uma fotografia que traz a vivência do futebol na comunidade:



Foto 2 - Jogo vivenciado no campo da comunidade

Os momentos vivenciados nas aulas foram de grande valia para o bom rendimento do trabalho, pois pude presenciar situações em que os alunos participavam ativamente com grandes expectativas e envolvimento com o esporte. No decorrer das discussões, pude proporcionar-lhes troca de experiência com intercâmbio de conhecimentos já adquiridos.

Foram visíveis os avanços no desenvolvimento dos planos de aulas, no que tange a apropriação do esporte como um bem cultural construído historicamente pela humanidade. Ao utilizarmos o recurso do laboratório de informática, facilitamos a ampliação do aprendizado dos alunos. A partir das aulas desenvolvidas, constatei progressos visíveis quanto ao aprendizado dos fundamentos do esporte, pois o empenho e dedicação dos alunos a esse fenômeno são evidentes, quando trabalhamos os fundamentos do esporte. A imagem que segue demonstra um momento de aprendizado:



Foto 3 – aprendizagem dos fundamentos técnicos: passe, domínio e recepção

Ficou também claro que os alunos conseguiram adquirir noções sobre o esporte de rendimento e o esporte como lazer, utilizando inúmeros mecanismos, como: brincadeiras relacionadas com o esporte, atividades de pesquisa, atividades práticas realizadas ao longo desta intervenção e intercâmbio entre aluno – professor e aluno – aluno. Muitos desses conhecimentos ficam imbuídos na prática dos alunos durante a vivência das atividades e também demonstraram essa compreensão por meio de trabalhos de pesquisa realizados que foram apresentados no decorrer das aulas.

Stuart Hall (1997, p. 40-41) nos pergunta:

[...] o que é a educação senão o processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores – em resumo, a "cultura" – na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade?

A reflexão de que o contexto socioeducativo é um ambiente cultural, pode nos levar a colaborar como educadores, proporcionando uma formação mais ampla e rica de aprendizagem a partir da cultura, analisando-a, refletindo sobre ela e realizando atividades que podem dialogar com as diferentes culturas presentes na comunidade.

Sempre há uma forma de continuar trabalhando com o conhecimento que pretendemos ensinar, mas, para isso, é necessário recorrer a outros recursos. O planejamento deve ser flexível, principalmente numa situação em que as condições climáticas não são favoráveis. Para nós, flexível não quer dizer frouxo. Fato esse vivenciado quando não foi possível a execução do plano de aula, devido à chuva que caiu, o que nos deixou sem espaço adequado para a realização das atividades previstas. Então, recorremos ao laboratório de informática, onde pudemos realizar pesquisas sobre os temas abordados ao longo do período de intervenção.

Como observamos, na sociedade, por meio de comunicação e até mesmo na comunidade local, o esporte não representa somente coisas boas, haja vista uma série de atitudes que são extremamente condenadas na realização desse esporte, principalmente, como é mostrada pela televisão. São ações que, em grande medida, são reproduzidas pelos estudantes nas aulas. A partir desses planejamentos organizados, podemos discutir e analisar tais atitudes e a ocorrência no esporte, fazendo com que os alunos tenham uma formação crítica.

Ao participar da construção de uma nova iniciativa ou atitude social, como as alcançadas ao longo do plano de intervenção, sentimo-nos estimulados a buscar conhecimentos. Sabemos que somente esse processo de formação proporcionado pelo formação inicial no Prolicen não será suficiente para nosso sucesso, mas é de grande valia, pois vem nos proporcionando momentos nos quais podemos crescer como professores, colocando em prática situações vivenciadas em nossos estudos, como é o caso das oficinas das quais estamos participando.

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, C. L. et al. *Didática da educação física*. RGS: Unijuí, 1996.

BRACHT, Valter, et. al. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

CUCHE, D. A noção de cultura nas ciências sociais. *Fim de Século*. Lisboa, p. 23-27, 1999.

LARAIÁ, R. B. Encontro e reencontro etnográfico. *Revista Textos Graduated*, Brasília, v. 3, n. 3, 1996.

VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 5-15, maio/ago. 2003.

STIGGER, M. P. Lazer, cultura e educação: articulações possíveis. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 2, p. 73-88, jan. 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia deste fascículo foi a de problematizar os argumentos apresentados pelos alunos-professores em seus Planos de Trabalho como justificativa para a escolha do futebol como conteúdo a ser ensinado na disciplina Educação Física. Responder à pergunta "*Por que ensinar futebol na disciplina EF?*" não é uma questão simples, mas, ao contrário, deveras complexa, pois pode implodir nossas convicções, corroer nossas crenças e exigir um menor ou maior grau de transformação de nós mesmos. Contudo, se não conseguimos mudar nossos modos de pensar, como podemos viver reclamando a transformação dos alunos?

Preocupamo-nos em não elaborar um manual sobre o futebol. Isso porque consideramos que o processo de ensino-aprendizagem de um conteúdo é a forma com a qual o docente e os alunos estabelecem relação com o mundo, com a própria vida. Então, saber argumentar de modo plausível sobre a importância do ensino de um conteúdo significa também reconhecer como desejamos o mundo para nós e para os outros. Não elaboramos um manual de futebol porque não desejamos dizer como o ensino desse conteúdo deve ser (um dever); optamos, então, por tematizá-lo, pois, proble-

matizando, podemos "raspar" a realidade, interpelá-la e criar novos modos de aprendizagem.

Os exemplos, dicas e sugestões de atividades explicitados no Capítulo II também não têm a intenção de se transformarem em receitas a serem aplicadas em todos os contextos. Eles são, dentre vários outros que vocês podem criar, modos provisórios de atribuir alguma operacionalidade aos temas escolhidos. Esperamos que os temas e as problematizações possam inspirá-los a transformar, a inventar, a ousar...

Nós aprendemos muito escrevendo este fascículo. Podemos dizer que, após este exercício de estudar e pensar o trato didático-pedagógico do futebol, não somos mais os mesmos torcedores, espectadores, jogadores, ex-atletas e professores de Educação Física! Já nos sentimos outros... Não porque apenas assimilamos ou acumulamos informações, mas porque mudamos, aprendemos, nos transformamos ao conhecer... Pois,

*"Quem de dentro de si não sai,
vai morrer se amar ninguém".*

Vinicius de Moraes

REFERÊNCIAS

BETTI, M. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Educação física, esporte e cidadania. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 20, n. 2-3, p. 84-92, abr./set. 1999.

_____. *Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo*. Ijuí: Unijuí, 2004.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

DARIDO, S. C.; SOUZA JÚNIOR, O. M. *Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola*. Campinas: Papirus, 2007.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaando o "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 119-134, jan./mar. 2011.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. *Movimento/UFRGS*. Escola de Educação Física, v. 10, n. 1, p. 89-112, jan./abr. 2004.

FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

GARÍGLIO, J. A. *A cultura docente de professores de educação física de uma escola profissionalizante: saberes e práticas profissionais em contexto de ações situadas*. 2004. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2004.

GONZÁLES, F. J.; BRACHT, V. *Metodologia do ensino dos esportes coletivos: fascículo de disciplina do Curso de Educação Física*. Vitória: Ufes, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2012.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

MACHADO, R. *Deleuze: a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zarhar, 2010.

MARADONA a mão de deus: o homem, o mito, o filme. Direção: Marco Risi. Produção: Casablanca Filmes. Intérpretes: Marco Leonardi, Julieta Díaz, Juan Leyrado, Rolly Serrano, Luis Machín, Fabián Arenillas. [S.L.]: CasaBlanca Filmes. 2007. 1 DVD (105min).

MEDEIROS, F. E. *Futebol de seis "quadrados" nas aulas de educação física: uma experiência de ensino com princípios didáticos da abordagem crítico-emancipatória*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 28, n. 2, p. 191-209, jan. 2007.

MORAES, V. *Berimbau*. Rio de Janeiro, Universal Music, 2006, 1 CD, faixa 19.

OLHOS azuis. Documentário sobre preconceito. Documentário disponibilizado em 18 de set. 2011. In: YOUTUBE. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Tnrh7KRMiU8>>. Acesso em 3 ago. 2012.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. *As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e*

da experiência. In: SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. (Org.). *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 13-26.

RONALDO fenômeno anuncia o fim da carreira, devido a dores, desgaste físico e problemas na tireoide. Vídeo disponibilizado em 14 de fev. 2011. In: YOUTUBE. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IES1Zt_QIZ8> Acesso em: 3 ago. 2012.

SOARES, C. L. et al. *Metodologia do ensino da educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JÚNIOR, M. *O saber e o fazer pedagógicos da educação física na cultura escolar: o que é um componente curricular*. In: CAPARROZ, F. E.; ANDRADE FILHO, N. F. (Org.). *Educação física escolar: política, investigação e intervenção*. Vitória: Lesef, 2004. v. 1, p. 81-91.

SOUZA JUNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. *Refletindo sobre a tematização do futebol na educação física escolar*. Motriz, Rio Claro, v. 16, n. 4, p. 920-930, out./dez. 2010.

Ueberson Ribeiro Almeida

Possui graduação em Educação Física (2005) e mestrado em Educação Física Escolar (2008) pela Universidade Federal do Espírito Santo. É doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Participa como pesquisador do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF/CEFD/UFES e do Núcleo de Estudos Pesquisas sobre Subjetividade e Política - NEPESP/CCHN/UFES.

Bruno de Almeida Faria

Possui graduação em Educação Física (2009) e mestrado em Educação Física Escolar (2012) pela Universidade Federal do Espírito Santo. É membro da Secretaria Estadual do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE-ES). Participa como pesquisador do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF/CEFD/UFES.

Vinícius Penha

Possui graduação em Educação Física (2004) e mestrado em Educação Física Escolar (2009) pela Universidade Federal do Espírito Santo. É professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Vitória-ES. Atua como instrutor de Capoeira no Grupo Beribazu. Participa como pesquisador do Laboratório de Estudos em Educação Física - LESEF/CEFD/UFES.



UFES

www.neaad.ufes.br
(27) 4009 2208

